



**UnB**

Universidade de Brasília (UnB)

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Paula Stefanni da Silva Pereira

*Entre costume e progresso: A dualidade feminina moderna de Mary Wollstonecraft e Dr.*

John Gregory

Brasília

2020

Paula Stefanni da Silva Pereira

*Entre costume e progresso: A dualidade feminina moderna de Mary Wollstonecraft e Dr.*

John Gregory

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
departamento de História da Universidade de  
Brasília, como requisito parcial para a  
obtenção do título de licenciada em História.  
Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio de Paula  
Pereira.

Brasília

2020

## RESUMO

O presente estudo aborda a condição feminina na Inglaterra no século XVIII, a partir das transformações reformadoras que ocorrem devido ao fortalecimento do movimento Iluminista e da ascensão da produção mercantil. Serão investigadas as características das ideologias esclarecidas e seus efeitos, com destaque nas repercussões no mundo feminino, bem como as mudanças da relação do âmbito privado e público em virtude do desenvolvimento socioeconômico, mantendo o olhar sobre o lugar das mulheres entre essas duas zonas. Será analisada a forma como essas mudanças sociais mantiveram concepções tradicionais, ao mesmo tempo que proporcionaram a possibilidade de alterar as condutas femininas. Para alcançar esse propósito, serão utilizados os escritos de Mary Wollstonecraft, *A Vindication of the Rights of the Woman* (1792), e *A Father's Legacy to his Daughters* (1761) do Dr. John Gregory, publicado em 1774, com o intuito de compreender e exemplificar a dualidade feminina nos anos setecentos. Pois, enquanto deveriam corresponder às expectativas masculinas projetadas pela autoridade, as mulheres ambicionavam alguma parte da autonomia defendida pelos discursos esclarecidos que viam como pessoas tão capazes quanto os homens, desde que fossem providas dos mesmos meios de informação.

**Palavras-chave:** Iluminismo. Público. Privado. Mary Wollstonecraft. Dr. John Gregory.

## ABSTRACT

This study aims at discussing about the female status in England in the 18th century, it has based on the reforms which took place on account of the strengthened Enlightenment movement and the commercial growth. The characteristics of the enlightened ideologies and their effects will be investigated, with an emphasis on the repercussions in the female world. Also, we will study the changeover between the private and public sectors due to market growth, being keep an eye on the women's leading role in those two areas. It will be analyzed the way which those social changes has kept traditional conceptions, at the same time they have provided for a change in female behaviors. To achieve that purpose the writings of Mary Wollstonecraft , *A Vindication of the Rights of the Woman* (1792), and Dr. John Gregory's text called *A Father's Legacy to his Daughters* (1761), it was published in 1774, in order to exemplify and understand the feminine duality and their leading role in the seventies. As long as women correspond to male expectations that they projected by authority, they wanted some part of the autonomy which was defended by the enlightened speeches whom saw them as people as capable as men, however, they were have the same means of information of them.

**Keywords:** Enlightenment. Public. Private. Mary Wollstonecraft. Dr. John Gregory

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>1 OS ILUMINISMOS EM PROFUSÃO. A TRANSFORMAÇÃO QUE INDUZIU AO PENSAMENTO DE WOLLSTONECRAFT</b>	<b>9</b>
<b>2 A VIDA DE MARY WOLLSTONECRAFT</b>	<b>19</b>
<b>3 WOLLSTONECRAFT <i>VERSUS</i> O LEGADO DE UM PAI ÀS SUAS FILHAS: UMA CRÍTICA INOVADORA</b>	<b>30</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>39</b>
<b>FONTES</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Durante os séculos XVII e XVIII, a Europa foi o epicentro de inquietações transformadoras, do desenvolvimento das relações mercantis para níveis institucionais e da mudança de perspectiva sobre valores na ciência, na literatura e nas relações sociais que se deram devido à emergência das concepções racionais. Essas concepções revolucionaram todo o continente ao longo dos anos, principalmente, quando observado da perspectiva inglesa, região pioneira dessas ondas revolucionárias, palco das principais mudanças econômicas e dos debates ilustrados que implicaram em adequações sociais fundamentais para o progresso humanitário.

Segundo o pesquisador Jonathan Israel<sup>1</sup>, os pensadores iluministas foram os principais agentes de produção intelectual e científica, porém nem todos concordavam com a extensão do processo inovador, os iluministas moderados, nomeados assim pelo teórico, acreditavam que as regras religiosas e monárquicas deveriam continuar a serem parâmetros de moralidade e subserviência, o pensamento deveria estar dentro dos limites tradicionais. Já os iluministas radicais consideravam que a liberdade de pensar e questionar deveria transpassar as divisas conservadoras e ousar raciocinar como homens livres de quaisquer amarras ideológicas, sexuais ou econômicas.

O fluxo de pessoas entre as regiões europeias, as trocas de experiências e informações adquiridas constituintes de um trânsito cosmopolita foram oportunos à popularização das ideias ilustradas, de novos hábitos e de lugares próprios para suas discussões. Assim, os pensamentos radicais propagaram-se pelas regiões, ao ponto de favorecer a participação feminina nos círculos letrados, inclusive entre os próprios pensadores intelectuais.

Para o filósofo e sociólogo Habermas<sup>2</sup>, o amadurecimento comercial inglês, ao longo dos séculos, ocasionou uma maior aproximação entre os âmbitos público e privado, uma vez que as produções manufatureiras familiares evoluíram para produções em larga escala influenciadas pelo chefe governamental. Desse modo, os costumes privados e as condutas públicas tiveram seus laços fortificados, as pessoas privadas compunham o espaço público, mas agora com maior competência, valendo-se principalmente dos meios de comunicações

<sup>1</sup> Jonathan Israel é professor de História Moderna no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton, autor das duas principais obras utilizadas neste trabalho.

<sup>2</sup> Filósofo e sociólogo alemão, escreveu o livro *Mudança estrutural da Esfera Pública* a fim de obter o título de *Habilitationsschrift*, requisito para poder lecionar em universidades alemãs.

para obterem informações que os ajudariam a compreender e pleitear os planos comunitários e governamentais.

Logo, o objetivo principal desse trabalho é salientar as circunstâncias em que se encontravam as mulheres na Inglaterra do século XVIII, particularmente, entre essas duas realidades da época: os pensamentos iluministas radicais, responsáveis pela abertura intelectual a novas mentalidades, como o debate progressista em torno das representações femininas e seu tratamento; e os papéis femininos dentro do âmbito público e privado, essenciais para a formação do Estado moderno. Para isso, utilizaremos do escrito *A Vindication of the Rights of Woman* (1792) da autora Mary Wollstonecraft, uma inglesa que se envolveu com o movimento ilustrado radical, ganhou notoriedade por esse livro, o mais notável de sua carreira o qual questiona e protesta contra a situação ignorante das mulheres. Em paralelo, analisaremos a carta *A Father's Legacy to his Daughters* (1761) do Dr. John Gregory, médico escocês que escreve para suas filhas<sup>3</sup> um pequeno manual de comportamento com o intuito de aconselhá-las a como se portarem em comunidade. Wollstonecraft, em seu livro, critica a carta do Dr. Gregory, explicando os motivos pelos quais considera a carta enganosa a respeito do desempenho feminino.

No primeiro capítulo, à luz do autor Jonathan Israel<sup>4</sup>, começamos por explicar o desenvolvimento do Iluminismo ao longo dos séculos XVII e XVIII na Europa, para caracterizar o movimento e suas vertentes, concentrando-nos nos ideais da ala radical, a fim de compreender os princípios básicos de seus pensadores. Quanto a situação feminina, dispomos principalmente do livro *Del Renacimiento a la Edad Moderna (Historia de las mujeres 3)* organizado pelos autores Georges Duby<sup>5</sup> e Michelle Perrot<sup>6</sup>, além da tese de doutorado *Proto-feministas na Inglaterra setecentista* da Anadir dos Reis Miranda<sup>7</sup>, essas obras nos ajudarão a compreender as visões do feminino coexistentes à realidade ilustrada e social predominantemente masculina.

No segundo capítulo, deu-se espaço à biografia de Wollstonecraft para podermos conhecer melhor como a autora formou concepções divergentes das comumente defendidas sobre as mulheres. Os livros utilizados foram *Mary Wollstonecraft* (1885), biografia feita por

<sup>3</sup> Dr. John Gregory teve três filhos: o mais velho James Gregory, Dorothea Montagu Gregory Alison e a caçula Anne Margaret Gregory Forbes.

<sup>4</sup> Os dois livros de sua autoria utilizados foram *A Revolução das Luzes* (2013) e *Iluminismo Radical* (2009).

<sup>5</sup> Historiador francês especialista em História Medieval, ex-professor da Universidade de Aix-en-Provence.

<sup>6</sup> Historiadora francesa e professora emérita de História Contemporânea na Universidade Paris -VII.

<sup>7</sup> Doutora pela Universidade Federal do Paraná e especialista em gênero e sexualidade pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Elizabeth Robins Pennell<sup>8</sup> e *A Importância de ser Mary* (2009), dissertação de mestrado da Doutora Ivania Pocinho Motta<sup>9</sup>. Acredita-se que as experiências vividas por Mary Wollstonecraft e pelas pessoas conhecidas tenham influenciado diretamente em sua forma de pensar, ver e experimentar a vida, ainda mais sendo Wollstonecraft, uma mulher burguesa sem muito recurso econômico, logo, sua posição social a colocava no meio da população mais influenciada pelas ondas transformadoras do momento, tornando-a, ao final de sua vida, uma agente ativa dos pensamentos progressistas por meio de seu trabalho e escritos.

Por último, o terceiro capítulo trata-se sobre o desenvolvimento do público e privado europeu, sobretudo o meio inglês, à luz de Jürgen Habermas em *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (1962). O autor argumenta que a aproximação das duas esferas, devido ao crescimento mercantil, requereu relações mais fortes entre as famílias produtoras e os chefes estaduais. Ele apontou, também, a importância dos meios de comunicação como fontes e distribuidores de informações para o público que passa a questionar e possuir relevância na dinâmica do poderio Estadual<sup>10</sup>. Dentre essa relação, busca-se entender como eram as condições das mulheres, quais eram seus papéis e como eles foram alterados, afinal, elas, também, compunham de alguma forma o privado e o público, embora suas atuações fossem subalternas às ações dos homens. Para tanto, o texto *A Father's Legacy to his Daughters* foi utilizado para exemplificar a forma tradicional como muitos pais pensavam que deveriam ser o comportamento das damas dentro de ambas as zonas frequentadas. Em seguida, contrapomos aos argumentos do Dr. Gregory, apoiando-nos nas reivindicações de Wollstonecraft em *A Vindication of the Rights of Woman*, nessa obra, a autora defende a autonomia feminina por meio de uma educação de qualidade que beneficiaria toda a nação.

Um dos motivos da escolha da biografia de Wollstonecraft, para análise das condições femininas na Inglaterra nos anos setecentos, foi devido ao fato de que ainda perpetuam discursos majoritariamente masculinos nos sistemas educacionais, acreditam-se que levar às salas de aula a trajetória e os ideais de Wollstonecraft é uma forma de mostrar que ao contrário do que comumente é ensinado, houve uma mulher iluminista no movimento ilustrado, apesar de normalmente só ouvir-se referências masculinas.

---

<sup>8</sup> Uma americana que morou em Londres, trabalhava como escritora, colunista, biógrafa e crítica de arte. Ela foi importante para a crítica da Literatura Inglesa e o ramo de História da Arte.

<sup>9</sup> Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>10</sup> Outros livros também foram utilizados nos capítulos, mas resolvemos por evidenciar os mais importantes teoricamente para esse trabalho na introdução.

Qualquer historiador preocupado com a sobrevivência de perspectivas subalternas tem de diversificar seus discursos educativos com o propósito de incluir mais que objetos de estudo, além de pensar nos alunos como uma parte colaboradora do plano de aula. Assim como, considerar a relevância dos impactos progressistas das sociedades modernas como pilares fundamentais do mundo contemporâneo. Portanto, faz-se necessário o estudo do nascimento dos princípios que hoje são considerados básicos, a fim de melhor compreendê-los.

## 1 OS ILUMINISMOS EM PROFUSÃO. A TRANSFORMAÇÃO QUE INDUZIU AO PENSAMENTO DE WOLLSTONECRAFT

Transições históricas são períodos confusos de serem estudados. A complexidade em entender que mudanças não ocorrem de um dia para o outro, provoca concepções errôneas, ou parcialmente compreendidas em muitos temas históricos. Quando se fala sobre Iluminismo, o imaginário comumente construído não vai muito longe dessas percepções. Os ensinos regulares da educação básica e o conhecimento popular, como um todo, normalmente perpassam pelos debates filosóficos voltados, predominantemente, aos nomes mais conhecidos do movimento no século XVIII.

Contudo, geralmente, o que fica esquecido são as mudanças provocadas pela *luz da razão* antes dos anos setecentos. Inicialmente, a revolução das ideias propunha o questionamento dos costumes tradicionais advindos majoritariamente das forças do antigo regime, as instituições religiosas e monárquicas, as quais mantinham percepções tendenciosas, infiéis à autenticidade das relações humanas. A partir de 1650, os escritos filosóficos começaram a se distanciar das amarras ideológicas dessas entidades, para entrarem em um processo de autonomia intelectual liberta dos tradicionalismos nos debates políticos, morais e cosmológicos. Estudiosos como Descartes, Newton e Espinosa, vanguardistas essenciais para o apogeu do movimento no século XVIII (ISRAEL, 2009, p. 30-32), foram os principais nomes desse período chamado de Iluminismo Primitivo<sup>11</sup> pelo professor Jonathan Israel.

Enquanto isso, os pensadores do *Século das Luzes*, mais especificamente do Alto Iluminismo<sup>12</sup>, são mais lembrados por seus desempenhos em defender os valores fundamentais do mundo contemporâneo. O estudo do século XVIII em seus vários aspectos é indispensável para um entendimento do mundo atual (PADGEN, 2015, p. 21,22). Por isso, ele seja a principal referência nos estudos de nível básico, tendo nomes como Rousseau, Kant e Adam Smith como suas principais menções.

A Inglaterra, especificamente nesse período, foi responsável por protagonizar atividades intelectuais e científicas importantes voltadas à expansão do pensamento crítico e da industrialização<sup>13</sup>. A lógica racional está no centro desses movimentos, por sua

<sup>11</sup> O Iluminismo Primitivo datado pelo autor começa a partir de 1650 até meados de 1740.

<sup>12</sup> Alto Iluminismo, datado a partir de 1750, período que as inovações intelectuais já estariam bem avançadas.

<sup>13</sup> O desenvolvimento da Revolução Industrial coincidiu com o Alto Iluminismo inglês durante a segunda metade do século XVIII, sobressaindo-se durante a onda revolucionária da última década. A combinação dessas duas forças transformou a realidade inglesa de forma única (THOMPSON, 1963, p. 196).

característica questionadora e emancipatória às amarras conservadoras provenientes dos ideais monárquicos, religiosos e da estratificação social. Ou seja, já não era mais tempo de crer de forma absoluta em concepções tradicionalistas, mas compreender o movimento Iluminista imerso, a parte do pensamento progressista<sup>14</sup> requeria emancipação racional e individual contra as culturas respaldadas em autoritarismos, elitismos e adorações.

A mentalidade do *esclarecimento* (*aufklärung*) não se conteve apenas a Inglaterra<sup>15</sup>, sabe-se que a Europa dinamizava fluxos de pessoas, mercadorias, ideias e culturas de forma fluída entre suas nações, principalmente em seus centros urbanos, possibilitando a criação do debate público fora dos ambientes controlados, o incentivo a uma nova cultura leitora mais acessível e de um novo tipo de homem culto, aquele que, independentemente de sua origem, seria capaz de conseguir acesso ao mundo erudito, social e cosmopolita. “Homens do mundo” que viajavam muito aprendendo em cada cidade um pouco de cada educação, disseminando-as por toda a Europa. Esse novo homem torna-se talentoso em observar a realidade ao seu redor e julgá-la (ISRAEL, 2009, p. 91-94), um apreciador da Filosofia capaz de ver como as dinâmicas sociais funcionavam, e a posição dos homens nelas. Como, por exemplo, mostramos Darnton<sup>16</sup>, em seu livro *O Grande Massacre de Gatos* de 1984, o relato de como um cidadão francês, possivelmente burguês, descrevia a cidade de Montpellier em 1768 (DARNTON, 1988).

A categorização Iluminista, além de uma classificação temporal, pode se dar por duas alas rivais: a corrente moderada e a corrente radical. A primeira defendia um equilíbrio entre razão e tradição, opondo-se ao abandono das hierarquias e dos privilégios do *status quo*, protetores do progresso sem ruptura total dos costumes. Possuíam a visão de revolucionar ideias, mas que ainda considerassem os pilares tradicionais, sem quebras efetivas, protegendo a essência e o passado de cada nação. Seus principais autores foram Newton, Locke, Ferguson e Burke (ISRAEL, 2013, p. 25-28). Segundo Jonathan Israel, um dos problemas da concepção moderada era a falta de objeção às falhas da sociedade, mesmo que não recusassem as estruturas hierárquicas, pelo menos, poderiam apontar seus erros estruturais. Sem considerar os elementos da crítica, esses filósofos se uniam às cortes e aos grupos eclesiásticos para tentarem promover estratégias que controlassem a sociedade. Entre as décadas de 1760 e 1780, os moderados chegaram a propor projetos dentro dos limites delimitados, com destaque

<sup>14</sup> Será explicado o conceito de progresso nas próximas páginas.

<sup>15</sup> Apesar do contexto internacional do movimento iluminista, para este trabalho, focaremos na análise do contexto inglês.

<sup>16</sup> Professor e diretor da biblioteca da Universidade de Harvard e especialista em História da França do século XVIII.

para as regiões da Itália, Alemanha e Escandinávia, porém sem a reparação das desigualdades e intolerâncias sociais, logo tiveram pouco êxito nos programas, sem uma melhoria efetiva. O iluminismo moderado não foi capaz de solucionar os grandes problemas do meio em que se encontrava, porque não viam a desigualdade, a religiosidade ou o segregacionismo como algo essencialmente errado, mas como parte natural da vida humana, logo, dentro dessa lógica, não haveria motivos para tentar extinguí-los (ISRAEL, 2013, p. 25, 117, 118, 203).

Por sua vez, a ala radical condenava os pensamentos rígidos e subversivos, substituindo-os por conceitos progressistas que defendiam: a tolerância, o princípio da igualdade, democracia, independência filosófica da teologia, livre expressão e imprensa, consideravam elementos para formar sociedades unidas humanamente, moralmente e politicamente. Os valores igualitários e o universalismo do pensamento radical proporcionaram-lhes uma maior coesão entre diversas partes regionais, capaz de unir teóricos de diferentes países e reinos sob as ideias de democracia, igualdade e laicidade, um grande movimento, com diferentes pensadores (ISRAEL, 2013, p. 29-32). Os principais estudiosos dessa vertente foram: Espinosa, Richard Price, Joseph Priestley, William Godwin e Mary Wollstonecraft.

É importante salientar as diversas formas do pensamento Iluminista, a fim de uma melhor compreensão da dinâmica da época, assim, evita a indução de uma avaliação erroneamente de que todos os filósofos comungavam uma mesma forma de pensar. O ponto em comum a todos pode ser considerado o exercício do pensamento crítico por meio da racionalidade, e não unicamente da fé. Todavia, a liberdade de pensamento deveria ser limitada a algumas pessoas, sendo sempre referenciada aos dogmas tradicionais, enquanto outros entendiam que essa liberdade deveria ser comum a toda sociedade, rompendo com hábitos viciosos que regulamentavam a mente. Um dos objetivos deste capítulo, além da compreensão acerca do movimento ilustrado, é estudar justamente os impactos da concepção radical sobre os costumes comportamentais sociais, valendo-se especificamente dos modos femininos por meio de um dos escritos da Mary Wollstonecraft.

Portanto, é indispensável nos atentarmos às noções de progresso e razão das importantes concepções usadas para descrever as propriedades dos pensamentos. Primeiramente, o progresso é uma concepção defendida pelos dois lados que gerava a ideia de algum avanço positivo, era “uma revolução da mente, mas também, foi, sem dúvida, uma revolução econômica, tecnológica, política, médica e administrativa. [...] muito amplo e facetado, além disso, era inherentemente instável.” (ISRAEL, 2013, p. 21). Uma mudança boa que poderia gerar conquistas ao meio. Todavia, não era necessariamente uma ruptura total,

ocorria de forma gradativa, aos poucos, o objetivo final poderia ser apenas um pequeno detalhe, e não uma revolução (ISRAEL, 2013, p. 21-26). O progresso iluminista estaria muito mais próximo dessa realidade, aos poucos, as visões modernas e independentes ingressavam nas mentes humanas, em áreas como economia, política, medicina e moral. Possibilitando um propósito multifacetado aos conservadores que impunham limites em seu escopo final, e aos radicais que impulsionavam o progresso até sua forma mais revolucionária.

Do mesmo modo, a razão possuía concepções diferentes para cada lado filosófico de forma igual. Para a maioria moderada, a razão era um dom dado por uma autoridade divina e utilizada conforme as regras eclesiásticas. Enquanto para os radicais, a razão é algo nato do homem, pertencente por natureza, não algo doado por um ser sobrenatural (ISRAEL, 2013, p. 41). Ou seja, até mesmo os conceitos mais fundamentais do pensamento crítico, o progresso e a razão foram adaptados conforme o discurso que fosse utilizado. No entanto, por mais moldados que fossem, eles ainda continuavam a existir comumente entre os discursos esclarecidos.

Outro fator que se tornou frequente nas reflexões e cooperações filosóficas foi o feminino. A popularização do debate intelectual não apenas entre as camadas sociais, mas entre os sexos, oportunizou às mulheres a leituras e protagonismos dentro do movimento. Segundo Miranda (2017), as mulheres foram essenciais para o pensamento ilustrado pela contribuição à constituição dos discursos e das práticas reformistas, polidas, no aprimoramento da sensibilidade, no desenvolvimento de gêneros literários e na ampliação da esfera pública. As damas de alta hierarquia já possuíam uma educação letrada, voltada ao ensino daquilo que vinha a somar em sua formação no âmbito familiar, em competências com foco nas artes, na costura, no entretenimento e nas linguagens as quais cediam pequenas participações simbólicas na zona política, sem grandes destaque. Essa mudança do iluminismo foi fundamental a elas, pois, a partir do surgimento das ideias progressistas, essas mulheres passaram a exercer mais atividades no meio intelectual, não tardando para que o déficit educacional e a exclusão social se tornassem temas a serem debatidos e repensados (MIRANDA, 2017, p. 49-50)<sup>17</sup>.

As mulheres pertencentes à República das Letras escreviam sobre variados temas, porém, de cunho mais domésticos, contavam com um público leitor menor e majoritariamente feminino. Os escritos eram tratados morais, manuais de comportamentos, textos pedagógicos

---

<sup>17</sup> O termo “feminismo” não foi utilizado na Inglaterra antes 1894, mas havia outros termos para designar a discussão sobre a capacidade feminina e o seu direito à educação durante os séculos XVII e XVIII, como: Defensoras das *Ladies* e *Female Philosophers* (MIRANDA, 2017, p. 53).

e românticos de autoria de nomes como Mary Robinson, Elisabeth Inchbald, Mary Hays, Anna Barbauld e Mary Wollstonecraft. Todavia, Wollstonecraft era a mais radical entre as pensadoras inglesas devido a sua escrita incisiva ao debate público a respeito de temas revolucionários com opiniões distintas às de importantes pensadores. As mulheres ocupavam um papel central no debate progressista, principalmente na França, nação responsável por integrarem as frentes aos discursos reformistas, às ideias de subjetividade e à sensibilidade na luta pela ampliação do espaço público a elas (MIRANDA, 2017, p. 59).

Lugares como cafés, salões e clubes eram protagonistas na expansão dos limites do saber, algumas sedes eram fora do âmbito da corte, partilhadas por homens e mulheres com diferentes realidades sociais, mas com o mesmo objetivo de debaterem as novas ideias que circulavam, assim dinamizavam as culturas, sem censuras religiosas ou soberanas. Espaços onde as mulheres tinham uma relativa liberdade de expressão, o debate cultural era o meio mais completo para aprender sobre o mundo, eram ambientes propícios para refinar seus conhecimentos e aprimorar os questionamentos despertados pela dinâmica reflexiva, visto que as famílias, as escolas e os conventos as mantinham sobre uma ignorância guiada (DUBY; PERROT, 2018, posição 6768-6801).

Todavia, apesar das críticas ilustradas, sobretudo as radicais como propagadoras de discursos mais inclusivos socialmente, o professor Robert Darnton aponta no primeiro capítulo de seu livro *Boemia Literária e Revolução* (1982) uma perspectiva subalterna do Iluminismo, destacando as facetas excludentes do movimento.<sup>18</sup> O autor afirma que por trás da narrativa dos grandes pensadores que possuíam prestígio no meio literato, os quais por meio de seus nomes e suas escritas conseguiam manter-se dentro de um nicho abastado que os protegiam, havia os escritores subvalorizados que não possuíam essa notoriedade e precisavam vincular-se a meios “clandestinos” para obter uma fonte de renda para viver, denominada de zona *underground* do iluminismo. A ilustração dava-se por uma institucionalização que perpetuava o privilégio social a qual nem mesmo os próprios críticos puderam se afastar, abarcando inclusive a seletividade da produção editorial. No estudo de Darnton, notabiliza-se a fala sobre a situação dos salões que para ele continuava a ser um espaço formalista e que excluía os mais pobres, ao contrário dos cafés que possibilitavam uma diversidade maior, mas que ainda não eram um espaço amplamente acessível (DARNTON, 1987).

---

<sup>18</sup> Darnton é especialista em França, seu livro é um estudo sobre esse país. Apesar de este trabalho delimitar-se ao contexto da Inglaterra, considera-se importante citar sua obra para exemplificar as características do Iluminismo.

Essa visão de Darnton é necessária para advertir que os discursos, majoritariamente radicais de maior participação popular, não transformaram completamente a realidade. O próprio movimento iluminista vivia em meio a contradições, principalmente acerca da amplitude econômica, pois, aos mais pobres, o acesso às ideias e aos ambientes apresentados era mais difícil. Ressalta-se que a abertura participativa também não abrangia as camadas mais necessitadas das sociedades, excluindo em dobro as mulheres trabalhadoras, já as burguesas, elas só passaram a participar efetivamente dos debates políticos no século XIX (MIRANDA, 2017, p. 49).

As damas da alta hierarquia experimentavam o *progresso*, participando desses locais onde havia liberdade para vivenciarem a efervescência intelectual, deixando suas zonas de conforto que eram preenchidas por ensinos domésticos limitadores e estigmatizados, para o exercício do papel de protagonista intelectual. Porém, por outro lado, o universo feminino à época ainda era objeto de estudo de diversos pensadores, um viés de menor importância política como fisiologia, educação, maternidade e matrimônio. Uma disputa narrativa em que a mulher é analisada por homens dotados do direito a fala, advinda de culturas patriarciais, enquanto por outra perspectiva, havia mulheres nos espaços públicos falando de forma autônoma, porém com pouco destaque, “e o que se faz com a razão feminina em um esquema igualitário entre os sexos?” (DUBY; PERROT, 1993, posição 94).

Na verdade, pouco se fez. A razão feminina não cabia por completo dentro do pensamento igualitário da época, o conceito de progresso do pensamento moderado não propunha uma independência feminina. A resistência era grande, sobretudo, quando se imagina a proporção dos abalos familiares, sociais, educacionais e virtuosos que entravam em discussão. Os tradicionalistas e os pensadores moderados compartilhavam do conceito da fragilidade da mulher e, por isso, não concebiam formas eficientes de emancipação feminina, enquanto os pensadores radicais articulavam uma ideia progressista efetiva de *democracia* com ampla participação da população feminina, mesmo tendo uma influência consideravelmente menor, até a metade do século XVIII, quando começaram a ganhar mais notoriedade (MIRANDA, 2017, p. 117-121).

Apesar de conseguirem espaço para exibirem suas habilidades intelectuais no debate público, a vida feminina, em geral, ainda era dependente da esfera masculina. Educação, matrimônio, filhos, comportamento, entretenimento basicamente toda a responsabilidade feminina era voltada para suplementar o homem, e não si próprias (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 217). No aspecto financeiro, as mulheres de camadas altas não precisavam trabalhar, porque possuíam um dote destinado ao matrimônio que correspondia ao pagamento de suas

despesas durante a vida, enquanto as moças de camadas menos afortunadas eram esperadas que trabalhassem para sustentar a casa, mesmo sendo solteiras ou casadas. E o benefício do pagamento não as dava prerrogativas de alguma liberdade, visto que o salário feminino, como o dote, era considerado parte do contribuinte ao lar provido pelo homem da família, pais, irmãos ou maridos (DUBY; PERROT, 2018, posição 257-261).

O paradoxo da razão feminina no século XVIII fez-se presente nas convenções sociais, nos salões, as mulheres atuavam de forma notável, porém não eram estimadas como sujeitos capazes de serem minimamente racionais dentro do espaço doméstico. A formação da identidade das mulheres foi ao longo da modernidade baseada na inferioridade sexual imutável, contudo, inevitavelmente, a consciência ilustrada ofereceu àquelas que tinham condições de acessar outros caminhos para enxergar o mundo onde o domínio do saber poderia levá-las a outras formas de ascensão (MIRANDA, 2017, p. 86). Um exemplo de mulher que utilizou dos seus conhecimentos para emergir filosoficamente por meio da escrita iluminista foi Mary Wollstonecraft.

Os discursos sobre a natureza humana tradicionalmente atuavam sobre as duas metades do gênero: de homem para homens e de homem sobre mulheres. Um modo ordinário de ver a composição humana de forma praticamente neutra, estudos acerca da feminilidade se encaixam sobre uma retórica unilateral do entendimento humano, principalmente sobre a perspectiva do “homem natural” em que homem seria visto em sua forma mais pura possível, sem os desvios sintéticos da sociedade. Esses estudos eram relevantes para a compreensão dos radicais a respeito da igualdade entre todas as pessoas e os significados políticos e econômicos que essa ideia gerava. Como os estudos da naturalidade que também se preocupavam em diferenciar a espécie humana dos outros animais. O problema desses estudos generalistas, segundo a autora Michelle Crampe-Casnabet<sup>19</sup>, está na ausência de um discurso feminino sobre si. Como poderia existir uma compreensão da “mulher natural” (como subcategoria do “homem natural”, ou como consequência automática do “homem natural”) se elas não falavam por si? Assim, torna-se um estudo teoricamente falho, pois a definição de mulher não é autoconsciente, não é original, mas é baseada em falas masculinas que são biologicamente incapazes de conecerem verdadeiramente a natureza feminina (DUBY; PERROT, 2018, posição 5261-5352).

Já os autores que escreviam abertamente sobre o comportamento feminino, consideravam-se mais entendedores do comportamento ideal da mulher, contribuindo para o

---

<sup>19</sup> Filósofa professora na *École Normale Supérieure de Fontenay* em 1987 e colaboradora no livro *Del Renacimiento a la Edad Moderna* (2018).

ensino por meio de manuais de comportamento. Como o clássico de Rousseau, *Emílio, ou da Educação* (1762), escrito em cinco volumes sobre a educação e sobrevivência do homem natural (representado por Emílio) em meio a um mundo caótico, Emílio precisa de uma esposa para completar o ciclo da vida, Sofia, mulher ideal a Emílio em todas as formas, feita para ele. A organização textual, destinado a ela, é desprovida de autorreferencia, Sofia é sempre vista pelos olhos dele. Toda a obra é um guia comportamental ao que seria a forma ideal de viver, é curioso perceber como o discurso da racionalidade foi delimitado às convenções moderadas, conforme o autor (DUBY; PERROT, 2018, posição 5269-5307).

Por mais que as mulheres tivessem uma emancipação intelectual dentro dos salões, em suas rodas de conversa, dificilmente teriam o mesmo em domínios políticos nas relações sexuais e no meio teológico, pois, a visão conservadora predominante via as mulheres como seres incapazes. Julgavam que elas seriam propensas à imaginação, sensíveis demais, dependentes dos homens, em geral, insuficientes para a compreensão das discussões intelectuais (DUBY; PERROT, 2018, posição 120-126). A fragilidade da mulher era parte do seu ser, se alguma fugia das características ideais do ser feminino, então, havia um problema. Até os argumentos eram baseados na anatomia feminina, a mulher era frágil devido à relação com o útero e seu ciclo menstrual, assim as tornavam irracionais. Essas concepções eram mais moralistas do que científicas, uma vez que os estudos médicos da época não eram puramente científicos. Assim, correlacionavam-se as outras dimensões da formação humana, alinhando-se aos costumes e às tradições *a priori* dos estudos, a científicidade clínica, livre das amarras preconceituosas, era pouco praticada (DUBY; PERROT, 2018, posição 6080-6012). Por outro lado, os pensadores radicais compartilhavam opiniões diferentes em relação ao feminino. A concepção de igualdade, democracia e liberdade de pensamento radical destinava-se tanto aos homens quanto as mulheres, “seu lema principal é: todas as pessoas possuem as mesmas necessidades básicas, direitos e status [...]; e, portanto, todos devem ser tratados da mesma forma com base na isonomia.” (ISRAEL, 2013, p. 8). Essa nova filosofia ressaltou a heterogeneidade em relação à repressão feminina.

Wollstonecraft, por exemplo, também defendia uma relação entre os gêneros mais igualitária, visando uma melhora para toda a sociedade. Em sua lógica, mulheres mais educadas contribuíram para o melhor desempenho de seus papéis sociais, esposas, mães e filhas. Em seu escrito mais influente, *A Vindication of the Rights of Woman*, publicado em 1792, a autora criticava amplamente o estado e os meios em que se encontravam as mulheres. A principal causa da desigualdade entre homens e mulheres seria a educação que ao invés de preparar as meninas para serem boas em seus deveres, fazia ao contrário, deixavam-nas

frágeis e ignorantes, consequentemente mais controláveis. Outro fator era a excessiva importância dada à aparência, riqueza e posição social que, segundo a autora, diziam muito sobre a formação de caráter (WOLLSTONECRAFT, 1792). Veja:

Portanto, arriscar-me-ei a afirmar que, até que as mulheres sejam educadas mais racionalmente, o progresso da virtude humana e o aperfeiçoamento do conhecimento encontrarão contínuos obstáculos. E ao se admitir que a mulher não foi criada meramente para satisfazer o apetite masculino ou para ser a serva mais importante, que provê suas refeições e cuida de suas roupas, é necessário reconhecer que o primeiro cuidado dessas mães e desses pais, que realmente se preocupam com a educação das meninas, seria se não fortalecer o corpo, pelo menos não destruir sua continuação com noções equivocadas de beleza e de excelência femininas; não se deveria nunca permitir que as meninas assimilassem o conceito pernicioso de que um defeito pode, por algum processo químico do raciocínio, tornar-se uma qualidade. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 168).

Ainda que existissem outras filósofas, as ideias de Wollstonecraft destacavam-se por sua liberdade às ressonâncias conservadoras, não há muitos escritos de mulheres que rejeitavam as ideias tradicionais por completo. De forma incomum, a autora debate os temas da agenda revolucionária com mesmo nível de conhecimento e repúdio ao conservador que os intelectuais masculinos, no entanto, sob uma perspectiva feminina. Ou seja, diferentemente dos outros filósofos, ela consegue examinar os problemas femininos na sua naturalidade de maneira autêntica, sem projeções morais unilaterais (MOTTA, 2009, p. 64). Apesar de não ter sido uma mulher com alto status, Wollstonecraft consegue adentrar no meio radical inglês dos grandes pensadores, sua trajetória biográfica é fascinante, mostra como uma mulher sem influência conseguiu ir de encontro às baixas probabilidades de sucesso à época, para se transformar em uma importante vanguardista em defesa dos direitos femininos.

Progressivamente, ao passar dos anos, a mentalidade radical foi ganhando notoriedade social. As décadas de 1770 e 1790 foram marcadas pelo auge do pensamento, um momento muito agitado, decisivo para a destruição das bases de pensamento e tradições que sustentavam o Antigo Regime. Seus ideais estavam mais universalizados do que anteriormente, outras regiões europeias envolveram-se ainda mais com a lógica progressista, o princípio igualitário e combate à tirania. O professor Israel (2013) defende que o Iluminismo Radical foi essencial para toda onda revolucionária do século XVIII, destaca-se a Revolução Francesa onde os discursos teóricos foram aplicados à sua maneira factual, tornando-se difícil a compreensão da revolta sem conhecer as ideologias por trás dela.

No entanto, o clímax radicalista das últimas décadas dos anos setecentos não persistiu por muito tempo. Na Inglaterra, por exemplo, os movimentos contrailuminismo e o anti-intelectualismo ganharam forças paralelamente às energias radicais durante os anos de 1780-

1790. Os protetores das tradições do Antigo Regime se apavoraram com o crescimento dos radicais, das ideias não conservadoras e das repercussões que o livre pensamento já estava causando na sociedade, dessa forma, a ala moderada foi perdendo sua influência ao longo dos anos. Segundo Thompson (2008), a coexistência da Revolução Industrial com a perda de força dos tradicionais alavancou o sentimento contra revolucionário, pois, devido ao avanço tecnológico, a repartição de direitos políticos e econômicos não era atrativa, e tão pouco era a capacitação intelectual do povo.

Logo, os adversários de toda a ilustração, defensores fiéis do conservadorismo e do *status quo*, reanimaram as concepções dogmáticas, anti-intelectuais, autocracia e hierarquia para manterem o domínio pátrio durante as últimas décadas do século XVIII (ISRAEL, 2013, p. 119). Os autores radicais não conseguiam mais publicar, ou compartilhar suas ideias publicamente como antes, a oposição fortalecia-se, os filósofos ficavam cada vez mais desprezados e omitidos, porém não esquecidos, pois muitas tradições se originaram dos pensadores e das ideias radicalistas, como as tradições deísta e unitarista de livre pensamento e as concepções intelectuais de Mary Wollstonecraft e de Godwin (THOMPSON, 2008, p. 198). Assim, essas ideias transitaram entre últimos anos modernos para os primeiros anos contemporâneos perante de reestruturações defensivas ao progresso libertário e às heranças filosóficas clandestinas.

## 2 A VIDA DE MARY WOLLSTONECRAFT

Aprender sobre as ideias de Wollstonecraft para conhecer melhor os anos ilustrados e o preâmbulo da discussão dos direitos da mulher não é o suficiente. Ao ler *A Vindication of the Rights of Woman*, é impossível deixar de se perguntar como e o porquê as ideias tão revolucionárias foram aspiradas. Obviamente, havia toda a influência já ilustrada, descontentamentos populares e guerras que penduraram em várias partes europeias antes do nascimento da autora, provavelmente tiveram sua parcela intervintiva. Contudo, o percurso de vida de Wollstonecraft, certamente, motivou sua forma de ver e pensar o mundo. Por isso, sua biografia complementa o entendimento de seus discursos.

Mary Wollstonecraft nasceu no dia 27 de abril de 1759 no interior de Londres, filha de Edward John Wollstonecraft e Elizabeth Dickson, sua família dedicava-se à agricultura, mas não possuía muito lucro. Mary era a segunda de seis filhos (Edward, Mary, James, Eliza, Everina e Charles) (PENNELL, 1885, p. 12), por não ser a primogênita, não teve o melhor acesso à educação como os seus irmãos (MOTTA, 2009, p. 25). As biografias sobre Mary<sup>20</sup> estão de acordo ao afirmar que seu pai, Mr. Wollstonecraft foi um homem bastante abusivo e violento com toda a família, principalmente com sua mãe que sofria agressões físicas dele. Infelizmente, não se trata de uma informação de espanto, uma vez que “a posição da mulher inglesa era de subordinação aos pais ou aos maridos e de submissão aos costumes” (MOTTA, 2009, p. 25). Essa violência paterna marcou Mary por toda a vida, muitos de seus escritos levantavam o debate do tratamento repreensível dos homens com as mulheres. Em *A Vindication of the Rights of Woman*, pode-se perceber claramente como suas experiências pessoais influenciaram a sua percepção sobre o mundo que moldaram suas ideias. Como, por exemplo, quando ela defende a igualdade de direito entre os filhos, condenando a primogenitura, principalmente quando as filhas são vulneráveis e tuteladas por homens mais velhos. Esse fio argumentativo torna-se coerente ao saber que seu irmão mais velho, Edward Wollstonecraft, herdou os bens familiares e teve uma melhor educação, enquanto os irmãos mais novos não recebiam essa diligência.

As meninas que são educadas dessa maneira frágil, com frequência são cruelmente deixadas por seus pais sem qualquer bem e certamente são dependentes não só da razão, mas também da liberalidade de seus irmãos. Esses irmãos são, para considerar o lado mais justo da questão, bons homens, e lhes dão como se fosse um favor o que filhos dos mesmos pais tem em igualdade de direitos. Nesta situação equívoca e

---

<sup>20</sup> Como estamos falando da família Wollstonecraft, utilizaremos o primeiro nome da autora como forma de distinção dela em relação aos outros familiares.

humilhante uma mulher dócil pode permanecer algum tempo com um grau tolerável de bem-estar. Porém, quando o irmão se casa, passa de dona da casa a uma intrusa vista às avessas. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 200).

Devido ao pouco sucesso como fazendeiros, a família Wollstonecraft mudou-se do interior para Hoxton, Londres, no ano de 1774. Em Hoxton, Mary conheceu Frances Blood, também conhecida por Fanny, uma moça que tinha aproximadamente da idade de Mary. Esse encontro proporcionou a Mary conhecer os Clare, um casal sem filhos que patrocinava à aprendizagem de Fanny. Mr. Clare era um clérigo com bastante conhecimento, ele e sua esposa logo se interessaram por Mary, dando-lhe a oportunidade de aprofundar-se nos estudos (MOTTA, 2009, p. 27). A família de Fanny também não tinha uma boa condição financeira, e assim como Mary, ela era responsável pelos seus irmãos mais novos. O laço entre as duas fortaleceu-se devido às vivências em comum, Mary via a amiga como a pessoa capaz de entendê-la em suas aflições familiar e financeira. Contudo, Mary e Fanny também partilhavam diferenças, Fanny havia tido uma educação mais apurada, voltou-se aos instrumentos, canto e pintura. Praticava sua escrita tão bem que as cartas trocadas entre as duas (PENNELL, 1889, p. 25) mostram uma considerável diferença de qualidade ortográfica. Frances Blood tornou-se um modelo para Mary Wollstonecraft, seu primeiro incentivo à melhora intelectual, “ela decidiu se tornar pelo menos intelectualmente igual a Fanny” (PENNELL, 1885, p. 25)<sup>21</sup>.

Todavia, os negócios da família Wollstonecraft não iam bem, deixaram o comércio, Mr. Wollstonecraft e família mudaram-se, mais uma vez, para Pembroke em 1776, voltando à agricultura, assim, Mary distanciou-se de Fanny e dos Clare, contudo, os Wollstonecraft ficaram apenas um ano na cidade. Mary utilizou esse tempo para aprofundar seus estudos, logo no ano seguinte, mudaram-se novamente, agora para Walworth, próximo ao endereço da família Blood (MOTTA, 2009, p. 27). Em 1778, aos 19 anos, Mary recebeu uma proposta de emprego como dama de companhia. Para uma menina como ela, que possuía pouco, talvez nenhum dote para o casamento e pouca instrução formal, era uma boa oportunidade.

Após dois anos de trabalho para Mrs. Dawson, a saúde da Mãe de Mary se agrava, Wollstonecraft deixa o emprego, volta para a casa dos pais para cuidar de mãe, porém ela morre em 1780. Depois da morte da mãe, Wollstonecraft deixou a casa de seu pai e passou a viver com os Blood, família de Fanny, trabalhou com costura para ajudar nas despesas da casa (MOTTA, 2009, p. 28). Pouco tempo depois, Eliza Wollstonecraft, irmã de Mary, começou a

---

<sup>21</sup> Original: “she determined to make herself at least Fanny’s intellectual equal” (PENNELL, 1885, p. 25). Tradução feita pela autora.

passar por dificuldades psicológicas e matrimoniais. Seu marido, Mr. Bishop, mostrou-se violento com a esposa grávida, devido a esse fato, pressupuseram que Eliza tinha constantes ataques de “loucura” à época. Mary deixou a casa dos Bloods para ajudar sua irmã, pois, era necessário cuidar dela. Depois que a criança nasceu o estado de Eliza se estabilizou, Mary aconselhou a irmã a deixar o marido, porém, Mr. Bishop não aceitou a separação, e então, as irmãs abandonaram a casa levando consigo a criança (PENNELL, 1885, p. 42). Uma separação formal chega a ser requisitada, a custódia da criança fica com o pai, mas ela vem a falecer antes de completar um ano (MOTTA, 2009, p. 28).

Apesar do alto respeito que presto ao matrimônio, como o fundamento de quase todas as virtudes sociais, não posso evitar de sentir a compaixão mais viva por aquelas mulheres desafortunadas que são separadas da sociedade e que por um erro perdem todos os afetos e relações que alimentam o coração e a mente. Com frequência nem sequer merece o nome de erro, porque muitas meninas inocentes se tornam vítimas de um coração sincero e afetuoso, e ainda mais, são como pode enfaticamente ser chamadas, *arruinadas* antes que conheçam a diferença entre virtude e vício. (WOLLSTONECRAFT, 1892, p. 207).

A sensibilidade da filósofa sobre temas que normalmente provocam sofrimento às mulheres perpassa toda a obra. O estado da irmã e a perda de seu sobrinho, como o próprio casamento dos seus pais, levaram a considerar que o desfotuno feminino de um relacionamento vicioso mostrou-se por meio de laços afetivos familiares. Porém, isso não impediu Mary e Eliza de decidirem abrir uma escola em Islington onde Fanny morava e puderam contar com a ajuda dela. Contudo, não obtiveram alunos o suficiente, e tiveram de fechar, mudaram-se para Newington Green onde Mary tinha alguns conhecidos. Dessa vez, a instituição deu certo, conseguiram matrículas estudantis suficientes. Entretanto, os bons tempos não duraram muito devido à partida de Fanny<sup>22</sup> para Portugal. Assim, as irmãs Wollstonecraft passaram a administrar a escola sozinha, assim, elucidou seu insistente debate sobre a educação feminina ao longo de seus escritos (PENNELL, 1885; MOTTA, 2009).

A cidade proporcionou a Mary Wollstonecraft, além de sua escola, a oportunidade de conhecer o dissidente Dr. Richard Price<sup>23</sup> e sua comunidade. “O círculo que ela frequentou em Newington Green pertencia à igreja unitariana e cultivava uma tradição de ‘cristianismo racional’ que pregava o livre uso da razão na prática religiosa.” (MOTTA, 2009, p. 30). Esse grupo foi uma grande relevância para a expansão do conhecimento de Mary, convivência que

<sup>22</sup> Fanny casou-se com Mr. Hung Skyes em 1785 e mudou-se para Lisboa, deixando a escola (MOTTA, 2009, p. 31). Eliza Wollstonecraft não tinha habilidade para lidar com crianças como a Fanny (PENNELL, 1885, p. 60).

<sup>23</sup> Dr. Richard Price (1723-1791) era um ministro protestante, importante pensador das associações dissidentes da Inglaterra e do liberalismo inglês.

ela teve, os contatos iniciais com os pensamentos liberais e racionalistas. Em 1785 Fanny, agora Mrs. Skeats, ficara muito doente, e Wollstonecraft foi convidada por Mr. Skeats a ir à Lisboa ver sua amiga. Mary partiu para Portugal, conseguiu chegar a tempo de ver Fanny dar à luz a seu filho, infelizmente, Fanny faleceu pouco tempo depois do parto. A morte da melhor amiga foi um importante acontecimento na vida de Mary, uma vez que sua família não era próxima, provavelmente, Fanny era sua pessoa mais íntima (MOTTA, 2009, p. 31).

A docência foi a profissão de maior influência em sua vida, apesar de não ter sido de muito sucesso, as experiências educacionais da autora postergaram até as falas ilustradas em *A Vindication of the Rights of Woman*, concebendo-se ao mesmo tempo como a principal problemática e solução da situação fragilizada das mulheres. Para Wollstonecraft, a educação era que condicionava o feminino, se ela era de boa qualidade e virtuosa para todos igualmente, a sociedade e as famílias beneficiavam-se com cidadãos competentes. Por outro lado, se a educação era seletiva, enviesada e viciosa pouco ajudava, na verdade, beneficiava apenas a metade da população que interessava essa era a realidade da época. A educação era a falha por ser a causa da dependência feminina, mas era a solução ao oferecer autossuficiência racional às mulheres.

Na luta pelos direitos da mulher meu argumento principal baseia-se neste simples princípio: se a mulher não for preparada pela educação para se tornar a companheira do homem, ela irá parar o progresso do conhecimento e da virtude: porque a verdade deve ser comum a todos, ou será ineficaz no que diz respeito à sua influência na conduta geral. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 125).

A volta para Inglaterra também não gerou motivos de alegria para Wollstonecraft, sua escola estava colapsando, sua irmã Eliza não conseguia lidar com a instituição, o aluguel da casa estava mais caro do que o lucro da escola, os pais de Fanny estavam com dificuldades financeiras. Sua própria família também passava por dificuldades: seu pai casou-se novamente, mas não tinha melhorado sua condição econômica, seu irmão caçula era o único filho que ainda permanecia com ele (PENNELL, 1885, p. 60,61). Com sua considerável experiência na educação, Wollstonecraft escreveu *Thoughts on the Education of Daughters* (1787) com a intenção de vender para conseguir dinheiro, com a ajuda de um amigo, ela consegue entrar em contato pela primeira vez com Mr. Johnson<sup>24</sup>, que comprou o seu trabalho.

A situação financeira de Wollstonecraft a leva a fechar sua escola por vez e a se separar de sua irmã (PENNELL, 1885, p. 65). Após deixar o magistério, com a indicação de

---

<sup>24</sup> Joseph Johnson (1738-1809), importante editor dos pensadores radicais do século XVIII na Inglaterra.

algumas amigas de Newington Green, Wollstonecraft consegue um emprego de governanta novamente, agora dos filhos do lorde Kingsborough, um nobre irlandês, a vivência de Wollstonecraft na Irlanda foi constituída por experiências desgostosas. Primeiramente com Lady Kingsborough que pode ser considerada exemplo do ideal feminino da época, uma mulher controlada por seu marido, dependente de suas emoções e uma mãe distante de seus filhos. Wollstonecraft também teve a oportunidade de ver a pobreza irlandesa durante as visitas de caridade feitas pelos patrões, podendo observar de perto o contraste entre a vida dos nobres para quem trabalhava e dos pobres. Ao final, sua aproximação com as crianças sob seus cuidados incomodou Lady Kingsborough que demitiu Wollstonecraft. Sua estadia na Irlanda a fez escrever o romance *Mary, A Fiction* (1788) em memória a sua amiga Fanny. (MOTTA, 2009, p. 34).

De fato, a observação sobre a classe média, na qual os talentos se desenvolvem melhor, não se estende às mulheres, porque as de classe superior, ao obterem pelo menos uma noção superficial de literatura e ao conversarem mais com os homens sobre temas gerais, adquirem mais conhecimentos que as mulheres que copiam sua moda e seus defeitos sem compartilharem de seus benefícios. No que diz respeito à virtude eu tenho visto mais na classe baixa. [...] De fato, o bom senso que tenho encontrado entre as mulheres pobres que tem tirado poucas vantagens da educação e ainda assim agem heroicamente, confirma minha opinião de que as tarefas triviais têm tornado a mulher uma pessoa frívola. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 214)

O debate entre camadas sociais também foi feito por ela, o curso de suas decisões a possibilitou ver as diversas formas como as pessoas poderiam viver em sua época. Ela própria vinha de em uma família burguesa, mesmo que não tão abastada, possuía certa qualidade e benefícios de vida. Oportunidades bem diferentes das que as vividas pelas famílias ricas as quais Wollstonecraft trabalhou como governanta, em que a miséria dos mais pobres era objeto de caridade de seus patrões. Esses paradoxos não escaparam a sua análise, para ela, a localidade social de cada grupo exprimia graus de deficiências. Como as mulheres de famílias ricas geralmente eram mais viciosas, pois eram lhes dado de tudo, sem precisar se esforçar. Já as pobres tinham de trabalhar, eram forçadas a desenvolver habilidades que as davam um certo grau de consciência.

Desde que comprara *Thoughts on the Education of Daughters*, Mr. Johnson e Wollstonecraft mantiveram contato, inclusive durante seu período como governanta. Logo, quando Wollstonecraft voltou para a Inglaterra, mudou-se para George Street, a mesma vizinhança de Mr. Johnson, pois ela havia aceitado a proposta de emprego feita por ele para trabalhar em sua editora que era uma importante base para as atividades intelectuais unitarianas e dissidentes (MOTTA, 2009, p. 35). Wollstonecraft era leitora, escritora,

tradutora e também contribuía para a revista *Analytical Review*<sup>25</sup>. Esforçava-se lendo e estudando para seu trabalho, quanto ao conhecimento de outros idiomas, “ela tinha enquanto estava na Irlanda aperfeiçoado seu francês. Ela estava razoavelmente familiarizada com o italiano; e ela agora dedicava todos os seus minutos livres, e estes não poderiam ser muitos, para dominar o alemão” (PENNELL, 1885, p. 94)<sup>26</sup>. Wollstonecraft podia não ser fluente nessas três línguas, mas sua dedicação e estudo foram essenciais para sua função na editora e para desenvolvimento como escritora, pois as novas habilidades intelectuais lhe possibilitaram o acesso a um amplo conjunto de textos de pensadores de diferentes nacionalidades.

Como estava constantemente na casa editorial do Mr. Johnson, que também funcionava como um ponto de encontro dos pensadores radicais, ou seja, aqueles que acreditavam em ideias democráticas, igualdade racial e sexual, liberdade individual e plena de pensamento, expressão e imprensa (ISRAEL, 2013, p. 7), não tardou para que Wollstonecraft começasse a se envolver com esse círculo intelectual. Essa foi mais uma oportunidade de ouvir e compartilhar os melhores pensamentos renovadores da época, principalmente diante dos cenários da Independência das Treze colônias e da Revolução Francesa que estavam acontecendo naquele momento. Ela refletia sobre esse contexto e estabelecia conexões e análises com a própria revolução inglesa de 1688, bem como com agitações locais em vista das perspectivas de ideal político que eram debatidas nas reuniões que experienciou. Se pensarmos segundo Darnton (1987), Wollstonecraft conseguiu fugir do mundo subliterato para fazer parte do grupo dos importantes pensadores ingleses.

Em 1790, Edmund Burke publica a principal reação conservadora da época, *Reflections on The French Revolution*. Obra que provocou uma enorme efervescência letrada, e no meio dela estava, obviamente, Wollstonecraft, que não podia deixar de dar sua objeção ao texto. Publicado por Mr. Johnson, Mary escreve a primeira resposta para Burke, nomeada de *A Vindication of The Rights of Men* (1790), o escrito mudou sua carreira. Primeiro porque a retira do debate doméstico e a coloca no debate político da melhor forma possível, com os mais habilidosos e importantes pensadores a lendo. Pela primeira vez<sup>27</sup>, suas concepções progressistas são postas a público, exprimindo sua ideia de que os direitos individuais são

<sup>25</sup> “Essa revista encarregava-se da divulgação de ‘novas ideias’ entre o público culto de classe média através de resenhas críticas de uma grande variedade de obras.” (MOTTA, 2009, p. 35).

<sup>26</sup> Original: “she had while in Ireland perfected her French. She was tolerably familiar with Italian; and she now devoted all her spare minutes, and these could not have been many, to mastering German” (PENNELL, 1885, p. 94). Tradução feita pela autora.

<sup>27</sup> Primeira vez pensando em *A Vindication of The Rights of Men* como o trabalho pioneiro na escrita essencialmente política, visto que seus outros trabalhos abordavam às discussões mais comportamentais, educativas e literárias, e menos políticas.

importantes e devem ser conciliáveis com a liberdade geral, uma sociedade mais igualitária e justa por meio da racionalidade (MOTTA, 2009, p. 40).

O rápido sucesso de *A Vindication of Rights of Men* concede a Wollstonecraft certo “reconhecimento” em meio aos homens. Aproveitando-se dessa oportunidade, ela é incentivada a escrever sobre as mulheres (MOTTA, 2009, p. 43). Logo, em 1792, *A Vindication of Rights the Rights of Woman* é lançado, repleto de críticas, reivindicações e opiniões sobre o estado feminino o qual era incansavelmente debatido por filósofos, moralistas e religiosos homens que falavam e demandavam sobre o tema, mas não eram capazes de compreender de fato o meio. Dessa forma, ao escrever, Wollstonecraft consegue mostrar uma perspectiva feminina sobre debates femininos, revelando os lapsos entre as teorias filosóficas e os costumes cotidianos.

A fim de explicar e desculpar a tirania do homem, argumentos engenhosos têm sido apresentados para provar que os dois sexos, na busca da virtude, devem ter em vista objetivos bem diferentes, ou, para falar francamente, não se admite que as mulheres tenham suficiente força mental para obter aquilo que realmente merece o nome de virtude. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 141)

A rivalidade de Wollstonecraft contra os discursos morais masculinos é muito cara, pois o fato dela ser uma mulher com o mesmo nível intelectual dos outros filósofos torna sua fala sobre a mulher muito genuína. Ela consegue conceber os discursos de seu sexo em primeira linha, sem precisar sintetizar teorias embaralhadas, sustentadas por experiências terceirizadas para afirmas de superioridade masculina. Ela mostra como as mulheres só possuíam tais comportamentos infames devido às circunstâncias de suas criações.

Apixonada há alguns anos por Henry Fuseli<sup>28</sup>, que era casado, Wollstonecraft “tenta resolver o impasse proondo à mulher de Fuseli uma vida a três, ela seria a companheira intelectual do amado e a esposa corresponderia a parte física” (MOTTA, 2009, p. 45). Seu comportamento não foi visto como adequado, dessa forma Fuseli afastou Wollstonecraft de sua vida pessoal, convencendo-a viajar para Paris. Além de seu coração partido, Wollstonecraft tinha mais dois propósitos com essa viagem: melhorar seu francês a ponto da fluência; e ver de perto os acontecimentos revolucionários da cidade. A morte do rei Luís XVI e as Guerras Revolucionárias Francesas tornaram a situação ainda mais hostil. Em seguida, o estabelecimento do *Terror* levou a perseguição do círculo literário de Wollstonecraft, deixando-a sozinha. Sem ninguém a recorrer em solo estrangeiro e sem possibilidade de

---

<sup>28</sup> Henry Fuseli (1741-1825), pintor e escritor político, colaborador da revista *Analytical Review* (MOTTA, 2009, p. 35).

voltar para Inglaterra, Mary fica isolada em Paris. Todavia, apesar de todas as incertezas e medos, Wollstonecraft “aproveita” de seu contexto revolucionário, utiliza de suas observações oculares da revolução para escrever *Historical and Moral View of the French Revolution* (1794), um ensaio sobre suas considerações sobre a revolução em conjunto com as experiências do *Terror*.

Em Paris, Wollstonecraft conheceu o capitão americano Gilbert Imlay, veterano da rebelião americana e empresário por quem se apaixonou. Pouco tempo depois, passou a viver como sua esposa, o matrimônio aconteceu de forma bastante complicada, pois ser inglesa e viver na França era perigoso, enquanto a nacionalidade americana de Imlay, preservava-o. Dessa forma, usar o sobrenome Imlay e viver uma vida conjugal com ele era tão proveitoso quanto o matrimônio (PENNELL, 1885, p. 200, 201). Em 1794, Wollstonecraft mudou-se de Paris para Hevre, onde dá à luz a sua primeira filha, nomeada de Fanny em homenagem a sua falecida amiga. Mas, seu relacionamento com Imlay já não estava sob as melhores condições, ele sempre estava viajando a negócios e distante da família. Wollstonecraft chega a voltar à Paris onde o *Terror* já havia passado para ficar mais perto do companheiro, mas não adiantou. Previsivelmente, o relacionamento de ambos chega ao fim.

Todavia, convencida por ele a se encontrarem, em abril de 1795, ela voltou para Londres, novamente em sua procura, acaba descobrindo que na verdade Imlay tinha uma amante na cidade e não tinha intenções de deixá-la. Conjetura-se que devido às conturbações afetivas de seu matrimônio, Wollstonecraft, pela primeira vez, atenta contra a própria vida, falhando, sobrevivendo à tentativa de suicídio. Apesar da sua confusa relação com Imlay, da sua tentativa de suicídio e de não viverem juntos na mesma casa, Imlay autoriza Wollstonecraft a viajar à Escandinávia para cuidar de seus negócios. Não deixando seu ofício, Wollstonecraft aproveita a viagem e escreve *Letters Written During a Short Residence in Sweden, Norway and Denmark* (1794). Resolvido os negócios, ela voltou à Londres, mas seu relacionamento com Imlay não melhorou, e Wollstonecraft tenta suicídio novamente. O relacionamento dos dois chega ao fim em meados de 1796, Wollstonecraft após sobreviver a duas tentativas de suicídio, decide deixar definitivamente Imlay que nunca esteve totalmente devotado a ela e sua filha. A amostra disso foi a sua mudança com a nova companheira para Paris, deixando Wollstonecraft e a filha na Inglaterra, os dois chegaram a se encontrar por Londres algumas vezes, visto que ele possuía negócios na cidade, entretanto, o relacionamento não foi reatado (PENNELL, 1885, p. 244).

A necessidade da poligamia, portanto, não se faz clara; contudo quando um homem seduz uma mulher, creio que deveria denominar-se um matrimonio de *mão esquerda*

e o homem deveria ser obrigado, *por lei* a manter a mulher e seus filhos, a menos que o adultério, um divórcio natural, tornasse a lei sem efeito. E esta lei deveria permanecer em vigor pelo tempo em que a fragilidade das mulheres fizesse a palavra sedução ser usada como uma desculpa para suas fraquezas e ausência de princípios e ainda mais, enquanto elas dependessem do homem para subsistência, em vez de sustentarem pelo exercício de suas próprias mãos ou cabeças. Mas estas mulheres não deveriam, no pleno significado da relação, serem chamadas de esposas, ou se subverteria o autêntico propósito do matrimônio, e todas essas ternas expressões de benevolência que surgem a fidelidade pessoal e dão santidade ao vínculo, converter-se-iam em egoísmo, quando nem o amor nem a amizade unissem os corações. A mulher que permanece fiel ao pai de seus filhos exige respeito e não deve ser tratada como uma prostituta. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 207).

Imlay e Wollstonecraft não deram certo como casal, mas isso não a impedi de recomeçar. Em 1796, William Godwin e Wollstonecraft reencontram-se, apesar de não terem se interessado um pelo outro anteriormente, dessa vez o desejo surgiu. Ele tinha acabado de publicar *Political Justice* (1793) que o tornara reconhecido no meio letrado, ela havia mudado para Gummimg Street, Pentonville, perto da residência dele, propiciando ambientes comuns aos dois, o relacionamento dos dois desenvolveu-se aos poucos. Em 1797, casaram-se, Wollstonecraft já estava grávida naquele momento, casaram-se para a proteção de Wollstonecraft e suas filhas contra os preconceitos que estavam propensas a sofrer como mãe solteira e filhas ilegítimas. Essa era a forma de proteção mais comum à época para as mulheres (PENNELL, 1885, p. 325).

O apego pessoal é uma base muito feliz para a amizade; contudo, mesmo quando dois jovens virtuosos se casam, talvez fosse bom se certas circunstâncias refressem sua paixão; ou se a recordação de alguma relação anterior ou de um afeto não correspondido fizesse por um lado, pelo menos, que a união se fundamentasse na estima. Nesse caso eles enxergariam além do momento presente e tentariam tornar sua vida respeitável, estabelecendo um plano para regular uma amizade que apenas a morte deve dissolver. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 210)

A vida conjugal dos dois não tirou suas independências, ambos mantinham suas amizades e compromissos separadamente. Wollstonecraft continuou a trabalhar para Mr. Johnson como tradutora e revisora, fazia planos literários para escrever as obras *Letters on the Management of Infants* que trataria sobre a instrução de crianças e *Maria, or The Wrongs of Woman*, um romance literário que inaugurou uma nova fase em suas publicações, antes seus escritos anteriores que correspondiam a uma Wollstonecraft jovem e pouco experiente ou com pouca minúcia devido à pressa para publicar. *Maria, or The Wrongs of Woman* era a oportunidade de mostrar seu conhecimento e talento para as letras (MOTTA, 2009, p. 52). O casamento aconteceu em março de 1797, dia 30 de agosto do mesmo ano Wollstonecraft dava à luz a sua segunda filha Mary Wollstonecraft Godwin, que foi registrada com o mesmo nome

da mãe. Mas o parto não ocorreu bem e dez dias depois Mary mãe veio a falecer, o funeral aconteceu cinco dias depois com apenas familiares e amigos mais próximos, o corpo foi sepultado na igreja Saint Pancras, a mesma de seu casamento com Godwin. Anos depois, quando Godwin morre (1836) seu corpo foi sepultado ao lado dela. Devido à urbanização da cidade, o cemitério da igreja foi retirado, os corpos foram transferidos para Bournemouth, onde a mãe de Mary, Elizabeth Dickson Wollstonecraft, estava enterrada (PENNELL, 1885, p. 358).

Após sua morte, os comentários sobre Mary Wollstonecraft não foram todos bondosos, sua trajetória de vida escapava do padrão considerado correto para uma mulher. Seus escritos, pensamentos, amigos, filhas e relacionamentos a levaram a ser alvo constante de críticas. Logo, poucas semanas depois da morte da esposa, Godwin começara a escrever suas memórias com o intuito de responder os críticos. *Memoirs of the Author of A Vindication of the Rights of Woman* (1798) foi o resultado da escrita de Godwin, onde mostrava o lado pessoal da vida de Mary o qual o público não tinha conhecimento: o relacionamento abusivo com os pais, a morte de sua amiga Fanny, o romance com Imlay, as tentativas de suicídio, o período como mãe solteira. Por fim, o livro foi publicado, com a ajuda de Mr. Johnson, causando uma reação negativa no público. Opiniões ruins sobre Wollstonecraft que duraram por anos, repercutindo até sobre suas filhas (MOTTA, 2009, p. 54)<sup>29</sup>.

Mary Wollstonecraft foi uma importante escritora moderna. Seus escritos e pensamentos não foram os primeiros a debaterem a condição feminina na sociedade inglesa, mas sua trajetória e círculos sociais a diferenciam de forma clara dentre tantos. Não é possível estudar suas publicações sem saber da sua vida pessoal, pois seus livros são expressões sistematizadas de tudo o que viu e viveu. Infelizmente, sua morte repentina a impediu de escrever algo bem elaborado, capaz de representar sua competência como escritora e sua concepção ideológica adulta. Todavia, o que temos é capaz de mostrar a importância da existência de alguém como Wollstonecraft no meio letrado e revolucionário do século XVIII. Mesmo que seus escritos não tenham influenciado estruturalmente a sociedade em seu tempo, eles tiveram importância para compreendermos que uma mulher foi capaz de viver seriamente como filósofa, assim como os homens, sem incompetência ou menos qualidade.

O valor de Wollstonecraft deve ser igualmente visto a fim de distanciar a hegemonia do discurso masculino. O estudo do movimento iluminista acontece majoritariamente pela

---

<sup>29</sup> É importante lembrar-se do primeiro capítulo e contextualizar sua má reputação pós-morte com o período de ascensão dos pensamentos contrarrevolucionários, logo, talvez se possa afirmar que a publicação de Godwin sobre sua ex-esposa deu-se em um contexto em que os pensamentos e condutas de Wollstonecraft eram repudiadas.

aprendizagem de filósofos masculinos com suas ideias progressistas e racionais. Mas, como poderiam ser reformadoras, se elas são apresentadas dentro de um padrão de gênero? O problema não está no passado, mas na seleção discursiva que é ensinada. Estudar Wollstonecraft dentro de uma licenciatura é tentar quebrar o padrão daqueles que ensinam História por meio perspectiva do dominador, lembrando que a história das mulheres infelizmente é dada como objeto paralelo, e não parte do passado histórico multifacetado, sendo bastante estereotipada por afirmações de que as mulheres sempre estiveram dominadas.

A realidade em sua complexidade afirma as desigualdades antinaturais, mas esse discurso não apaga o esforço de várias mulheres que tentaram ser sujeitas de suas próprias vidas<sup>30</sup> em um espaço de tensão entre forças controladoras e ação reativa. Ao declarar submissão contínua, afirma-se a objetificação feminina milenar como se elas nunca tivessem feito nada em suas culturas. Fato não verídico, pois, mesmo sendo reprimidas, a contestação e a influência da mulher se encontraram em alguma forma, e essas impressões não podem ser perdidas porque é uma única perspectiva é utilizada (DUBY; PERROT, 2018, posição 113-120).

A discussão sobre os direitos da mulher avançou muito no século XIX, a contemporaneidade reivindicou regimentos fundamentais para uma maior autonomia feminina. Um progresso lento que até o presente não se libertou completamente das estipulações masculinas, mas que parcialmente pode materializar o desejo de Mary Wollstonecraft.

Supondo, contudo, por um momento que as mulheres, em alguma futura revolução do tempo, se convertessem naquilo que sinceramente desejo que sejam mesmo o amor adquiriria uma dignidade mais seria e seria purificado em seu próprio fogo; e a virtude, dando aos seus afetos a verdadeira delicadeza, rejeitaria com aversão os libertinos. Com o uso da razão, ao mesmo tempo que do sentimento, único domínio das mulheres no momento, elas poderiam guardar-se facilmente das graças exteriores, e aprenderem prontamente a desprezarem a sensibilidade que foram estimuladas a banalizadas em suas maneiras, cuja prática era o vício e cujo atrativos eram os ares promíscuos. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 265).

---

<sup>30</sup> Sem esquecer que o passado é formado por incertezas e esquecimentos, afinal, não há registro histórico de tudo, a história total é impossível. O autor histórico sempre seleciona e delimita seu tema.

### 3 WOLLSTONECRAFT VERSUS O LEGADO DE UM PAI ÀS SUAS FILHAS: UMA CRÍTICA INOVADORA

Aspectos públicos e privados são objetos constantes de mutação das relações humanas, desde a antiguidade até hoje, são conceitos e dimensões questionadas e reformuladas pelo arranjo de cada tempo conforme os vínculos de cada sociedade. Sua investigação histórica é essencial para compreensão às realidades passadas, como qualquer outro objeto de estudo, tem sua complexidade, pois, formam-se a partir de realidades multifacetadas em que cada campo oferece uma perspectiva. Dessa forma, dando continuidade ao estudo do movimento Ilustrado, é importante analisar a dicotomia entre público e privado no século XVIII, com ênfase na atuação do sujeito feminino entre esses campos, temos seguido com base no escrito de Mary Wollstonecraft, *A Vindication of The Rights of Woman* (1792), também, serão analisados os textos de Dr. Gregory em *A Father's Legacy to his Daughters* (1761), publicados pela primeira vez em 1774 abordando o comportamento das mulheres daquele período.

Alguns esclarecimentos de Jurgen Haberman no seu livro *Mudança Estrutural da Esfera Pública* investiga o desenvolvimento histórico do espaço público e privado desde a antiguidade até a transição do século XIX para o XX, sua análise sobre o desenvolvimento da esfera pública moderna inglesa é fundamental ao entendimento desse objeto de estudo. Segundo o autor, o desenvolvimento do capitalismo financeiro e mercantil no século XVIII na Europa impulsionou a circulação de mercadorias e notícias nos países, assim, gerou uma economia comercial que não cabia mais dentro da lógica de produção doméstica fechada, característica esta que começa a ser ultrapassada desde as últimas décadas do Antigo Regime (HABERMAS, 2014, p. 114-117).

Logo, a criação do Estado moderno surge com organizações burocráticas e uma expansão econômica constante em vista da necessidade de uma administração pública e de uma organização de capital mais adequada, desse modo, o âmbito público, dominado pelas autoridades monárquicas e eclesiásticas, foi cada vez menos concentrado na mão dessas instituições. Esse espaço foi aos poucos ocupado, na esfera pública moderna, por um público mais particular. Nesse sentido, o público – enquanto esfera - libertou-se, de forma gradativa, da força autoritária dos poderes institucionais e começou a possuir formas de relações mais exercidas por pessoas privadas, pois o domínio dessas pessoas crescia devido as novas demandas modernas comerciais, informativas e intelectuais. Logo, a sociedade civil e as famílias viam-se cada vez mais atreladas ao mecanismo econômico governamental, uma vez

que suas produções foram ampliadas para longe dos limites domésticos (HABERMAS, 2014, p. 120-123).

Outro elemento que se destaca no processo de transformação da Europa moderna é a dinâmica das trocas de informações em paralelo com o desenrolar mercantilista. Para Habermas (2014), a troca de correspondências privadas, dados de mercado locais e internacionais, jornais, boletins semanais, todas as formas de comunicação em geral passaram a ter uma maior importância devido à mudança de lógica produtiva e das dinâmicas interativas comunitariamente. Pois, tornaram-se fontes de informações para o povo, transformando esses periódicos em instrumentos de divulgação das notícias à população. Noticiais que podiam ser oficiais, advindas do governo; ou informais vindas dos acontecimentos ordinários da população, contidas de algum interesse popular.

População essa formada por diferentes camadas sociais cuja veiculação da informação era voltada mais aos burgueses<sup>31</sup>, proprietários dos meios de produção, profissionais livres ou intelectuais que se interessavam pelas principais notícias do campo público, a fim contestar o poder público instituído no Estado monárquico. Apesar dos burgueses negociarem com o rei acerca das condições comerciais, em regra geral, eles possuíam apenas um poder privado relativo aos seus domínios pessoais, e não público.

Dessa forma, as contestações não são especificamente sobre o compartilhamento de poder, mas sobre questionamento de atos daqueles que possuíam o controle, como os reis e parlamentos. A *publicidade* era o meio o qual eles conseguiam informações para contestar. Já que o crescimento de seus domínios privados devido a uma expansão produtiva, normalmente também gerava interesse na forma com que o Estado administrava, visto que em algum momento ambas as zonas se encontrariam. (HABERMAS, 2014, p. 135-137).

Contudo, Habermas lembra que essa esfera pública crítica não era formada apenas pelos burgueses informados, mas também de uma continuidade das cortes representativas. Por isso, o espaço político não era apenas as cidades, os salões e cafés, mas se mantinha nas cortes (HABERMAS, 2014, p. 138-139). Convém lembrar que o desenvolvimento das relações público e privado deu-se juntamente à ascensão do movimento iluminista<sup>32</sup>.

Ao final as partes dependentes entre si para a constituição comunitária, o debate crítico fomentado pela troca de informações, formava uma opinião pública ao fazer a mediação do

<sup>31</sup> Segundo o autor (2014, p. 129), os burgueses tradicionais, artesãos e merceeiros haviam decaído socialmente, enquanto criavam-se novos burgueses relacionados aos grandes comércios, profissões livres como médicos e engenheiros, pessoas dominantes da nova esfera civil.

<sup>32</sup> Fala-se de iluminismo com base nas análises do primeiro capítulo.

Estado com os interesses da população (HABERMAS, 2014, p. 139). Os temas discutidos deveriam ser universais, tanto em pretensões quanto em acessibilidade. É indispensável lembrar que apesar das discussões permearem locais comuns, as parcelas pobres da população tinham suas dificuldades em terem interesse, conhecerem e se engajarem nas discussões devido às altas taxas de analfabetismo e carga horária de trabalho, fatores que complicavam sua integração ao ambiente (HABERMAS, 2014, p. 152-153).

A formação da opinião pública não se limitou apenas a uma análise via crescimento mercantil, a ascensão da literatura esclarecida também ocorreu nessa época, como visto, teve um papel indispensável para a disseminação do pensamento crítico. Porém, esse compartilhamento não era um fator comum a todos, as diferenças econômicas e de gênero ainda eram empecilhos reais para uma mudança verdadeiramente revolucionária (DARNTON, 1987).

A correlação dos costumes das pessoas privadas com o espaço público não era direta, as pessoas viviam em relação hierárquica, primeiramente na família e posteriormente, numa maturidade que variava segundo o gênero, com a sociedade em geral. Elas advinham do espaço íntimo das suas famílias. Todavia, eram obedientes às regras sociais de época em que o pai era o chefe e representante dos interesses dos membros da casa. Ambiente que abrigava as relações mais humanas e afetivas que indiretamente reproduziam-se na sociedade. Nesse meio, uma das formas de reprodução dos costumes íntimos era a escrita de cartas e diários que expressassem a sensibilidade das relações pessoais, quando bem feitas, poderiam ser publicadas como parte da literatura de romance (DARNTON, 1987, p. 167-174). O público e o privado imbricaram-se mutuamente, resultando na apropriação de elementos subjetivos das intimidades dos indivíduos pela esfera pública. A publicidade converteu o íntimo em literatura, exemplos públicos de vidas íntimas a serem debatidas.

Na dicotomia do público e privado em toda sua complexidade, também, encontramos o protagonismo masculino em ambas as partes. Todavia, apesar da chefia familiar ser patriarcal, a esfera doméstica era o principal local da atuação feminina onde as mulheres serviam como guardiãs dos valores e das morais, progenitoras da descendência familiar e companheiras do chefe. A formação da identidade das mulheres baseava-se em seus deveres domésticos e sociais, advinham da subjugação sexual, das habilidades domésticas, do cuidado matrimonial, da dedicação maternal (MIRANDA, 2017, p. 51, 87).

Mas, aos poucos, o mundo literário tornou-se um refúgio dinâmico, uma realidade alternativa, em que as mulheres poderiam se envolver “livremente” sem deixar suas obrigações, em especial com romances sentimentais que agitaram e acolheram os universos

femininos. Os livros tornaram-se pontes entre as duas realidades, até os escritos íntimos como cartas e diários poderiam ser publicados. Um exemplo de correspondência pessoal que acabou sendo publicada foi *A Father's Legacy to his Daughters*, escrito por Dr. John Gregory of Edinburgh em 1774.

A obra é um manual de comportamento escrita por um pai viúvo que estando com sua saúde debilitada decide deixar conselhos sobre os estágios da vida para suas filhas. Abordou quatro grandes tópicos (religião; conduta e comportamento; divertimentos; amizade, amor e casamento), Dr. Gregory demonstra o amor e a preocupação por suas filhas, ele tenta advertir sobre importantes decisões que elas terão de tomar em algum momento da vida e confessa que apesar de suas opiniões não serem perfeitas, ele irá “explicar a você esse sistema de conduta que eu acho que tende mais para sua honra e felicidade, vou ao mesmo tempo, me esforçar para apontar essas virtudes e realizações que o tornam mais respeitáveis e amáveis aos olhos de meu próprio sexo” (GREGORY, 1779, p. 8).<sup>33</sup>

O pensamento do Dr. Gregory a respeito das mulheres era de que elas não eram servas domésticas, mas companheiras iguais destinadas a suavizar os corações masculinos. Defendia que a religiosidade era algo mais natural ao sexo feminino do que ao masculino. Seu comportamento deveria ser delicado, modesto, retraído publicamente, tímido a admirações. A inteligência teria de ser guardada com discrição para evitar a criação de inimigos. Já o humor era uma qualidade especial que a tornava uma boa companhia quando usada corretamente. Caso houvesse algum conhecimento, esse deveria ser reservado, principalmente dos homens que desgostavam de mulheres sábias. Deveriam desconsiderar as conversas impróprias, pois, a pureza da ingenuidade era um charme encantador que não deve ser perdido, era melhor não correr o risco de ser vista como indecente do que ser atacada por excesso de pudor (GREGORY, 1779, p. 9-20).

Na concepção do Dr. Gregory, cada período da vida possuía diversões apropriadas, existiam aquelas que faziam bem à saúde, as que promoviam qualidades úteis e as que não beneficiavam em nada. As boas deveriam ser exercitadas para o próprio bem, já as ruins deveriam ser evitadas. As atividades manuais como tricô não deveriam ser vistas pelo seu valor, mas como preenchimento das horas vazias e a aquisição da aprendizagem. As diversões deveriam ser apreciadas com determinação e estabilidade, nada que fossem contra as

---

<sup>33</sup> Original: “While I explain to you that system of conduct which I think will tend most to your honour and happiness, I shall, at the same time, endeavour to point out those virtues and accomplishments which render you most respectable and most amiable in the eyes of my own sex.” (GREGORY, 1779, p. 8).

gentilizadas do sexo, mas que conduzissem a uma disposição suave e alegre que a fizesse respeitável aos olhos dos homens (GREGORY, 1779, p. 21-25).

Os amigos deveriam ser bem escolhidos, confiáveis. Amizade com homens possuía vantagens nas relações de um sexo com o outro, mas precisava ter cuidado para não ter a reputação arruinada por interesseiros. A amizade poderia vir a ser muito próxima e ocasionar o amor, se fosse recíproca, era uma sorte. O casamento não era o único meio de ser feliz, poderia ser alcançado em outra situação. A realidade desamparada e desprotegida, o desgosto e o temperamento de uma solteirona poderiam ser evitados, se tivessem conseguido um casamento. Um casamento correto a tornava mais respeitável e útil a sociedade, mas, não havia patriotismo suficiente para que se casasse apenas pelo bem público, deveria casar-se para ser feliz. O espaço público podia não ser o melhor lugar para conhecer cavalheiros, pois apenas a aparência e o comportamento externo eram comprehensíveis nesses lugares. Por outro lado, as companhias privadas geravam conversas agradáveis e sinceras. O mais importante era conhecer sua própria mente, porém era que dificilmente mulheres faziam (GREGORY, 1779, p. 26-48).

Não acho que lugares públicos sejam adequados para fazer as pessoas se conhecerem. Eles só podem ser distinguidos lá por sua aparência e comportamento externo. Mas é apenas em companhias privadas que você pode esperar uma conversa fácil e agradável, que eu nunca gostaria que você recusasse. (GREGORY, 1779, p. 42)<sup>34</sup>.

No entanto, o próprio autor reconhece que o espaço público poderia ser superficial às mulheres, aconselhando-as a procurarem por companhias particulares quando estiverem em busca de algo importante, até mesmo a não se casarem por outros motivos que não sejam estima e carinho, nem mesmo patriotismo.

Em suma, eu sou da opinião que o estado de casado, se assumido por motivos próprios de estima e afeto, será o mais feliz para vocês, os tornará os mais respeitáveis aos olhos do mundo e os membros mais úteis da sociedade. Mas confesso que não sou patriota o suficiente para desejar que você se case para o bem do público. Eu desejo que você se case por nenhum outro motivo, a não ser para se tornarem mais felizes. (GREGORY, 1779, p. 41)<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> Original: “I do not think public places suited to make people acquainted together. They can only be distinguished there by their looks and external behaviour. But it is in private companies alone where you can expect easy and agreeable conversation, which I should never wish you to decline”. (GREGORY, 1779, p. 42).

<sup>35</sup> Original: “In short, I am of opinion, that a married state, if entered into from proper motives of esteem and affection, will be the happiest for yourselves, make you most respectable in the eyes of the world, and the most useful members of society. But I confess I am not enough of a patriot to wish you to marry for the good of the public. I wish you to marry for no other reason but to make yourselves happier”. (GREGORY, 1779, p. 41).

A carta do Dr. Gregory é uma excelente materialização das expectativas e diretrizes sobre o comportamento feminino à época, um exemplo de como uma correspondência particular poderia ser apreciada publicamente quando estivesse de acordo com as normas. Essa circunstância evidenciou o vínculo doméstico aos costumes sociais e legitima a lógica do pensamento patriarcal que era dominante à época, o que deu a essa obra sucesso ao ser publicada<sup>36</sup>. Os detalhes dos argumentos de Dr. Gregory demonstram as particularidades da época, uma queixa feita sobre a mudança de comportamento feminino poderia estar conectado aos impactos iluministas nos modos sociais, especialmente das camadas burguesas.

Cada um que se lembra de alguns anos atrás, percebe uma mudança muito marcante na atenção e no respeito que os cavalheiros costumavam prestar às damas. Suas salas estão desertas; e depois do jantar e da ceia, os cavalheiros ficam impacientes até se retirarem. Como eles perderam esse respeito, a que a natureza e a polidez que tão bem os intitulam, não vou investigar aqui em particular. As revoluções de costumes em qualquer país dependem de causas muito diversas e complicadas. Devo apenas observar que o comportamento das senhoras na última era foi muito reservado e majestoso. Agora seria considerado ridiculamente rígido e formal. Fosse o que fosse certamente teve o efeito de torná-los mais respeitados. (GREGORY, 1779, p. 19)<sup>37</sup>

Essa revolução de maneiras das senhoras, a perda de polidez e educação era perceptível para Dr. Gregory, ele teve a perspicácia de compreender que não se tratava de um acontecimento apenas local, mas uma rede internacional que de alguma forma, aos seus olhos, teria o efeito de torná-las mais respeitáveis<sup>38</sup>. Afinal, uma boa mulher tem seu ponto de vista proveniente das coisas que ela mais viveu, para mudar isso, ela precisa de conhecimento, contudo, utilizar-se desses conhecimentos para conversar com homens por iguais seria loucura (GREGORY, 1779, p. 19). Logo, apesar de amor e carinho sentido por sua filha, esses sentimentos não foram capazes de compreender o fragmento de autonomia ilustrada, obtida pelas senhoras como algo bom. Ao contrário, o conhecimento de suas próprias mentes e a certeza de suas decisões eram direcionadas à subserviência que as proporcionariam respeito, segurança e felicidade.

---

<sup>36</sup> A publicação do texto não foi feita por Dr. John Gregory, foi feita por seu filho Dr. James Gregory após sua morte em 1774. Passou por diversas edições que são facilmente encontradas na internet, sendo exportada para a América pela *John Conrad and Company* à época.

<sup>37</sup> Original: “Every one who remembers a few years back, is sensible of a very striking change in the attention and respect formerly paid by the gentlemen to the ladies. Their drawing-rooms are deserted; and after dinner and supper, the gentlemen are impatient till they retire. How they came to lose this respect, which nature and politeness so well intitle them to, I shall not here particularly inquire. The revolutions of manners in any country depend on causes very various and complicated. I shall only observe, that the behaviour of the ladies in the last age was very reserved and stately. It would now be reckoned ridiculously stiff and formal. Whatever it was, it had certainly the effect of making them more respected”. (GREGORY, 1779, p. 19).

<sup>38</sup> Essa revolução que o Dr. John cita pode ser o impacto das mudanças iluministas agindo sobre as mulheres.

Enquanto isso, alguns anos à frente, Mary Wollstonecraft fez críticas diretas contra Dr. Gregory em *A Vindication of the Rights of Woman*. Segundo ela, o “absurdo e tirânico é instituir assim um sistema de escravidão ou tentar educar os seres morais segundo quaisquer outras regras que não aquelas deduzidas da razão pura, que se aplicam a toda espécie”. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 158). Também era um absurdo as damas terem de mentir sobre seus sentimentos ou esconder suas vivacidades, sacrificar corpo e mente em busca de noções superficiais de beleza, desejo e posição. Pois, se as mulheres se encontravam em um estado deplorável, foi por esses sacrifícios feitos para preservar suas ignorâncias, o caráter artificial foi imposto antes que tivessem alguma consciência defensiva. O poder adquirido por práticas viciosas e injustas perderam lugar à razão, transformando-as em escravas ou tiranas caprichosas (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 152, 172-173).

Havia uma clara diferença entre as concepções das incumbências femininas de Wollstonecraft e Dr. Gregory, a própria pensadora evidencia tal fato, mas é interessante destacar a convicção do lugar da mulher para cada à luz da dinâmica do espaço público e privado da época. O pensamento do Dr. Gregory simboliza o pensamento tradicional de um chefe familiar típico burguês daquele tempo, um pai que mesmo tomado pelo sentimentalismo não se afasta dos dogmas comportamentais, os quais, a seu ver, mesclam: uma concepção protetiva a qual as mulheres são privadas de autonomia e racionalidade para seu próprio bem, visto que seu sexo não era capaz de lidar com tais alternativas; e uma permanência da interação privado e público que debuta um modelo de damas, educadas por modelos familiares constituintes de parte dos costumes comunitários. Por outro lado, Wollstonecraft afirmava seu posicionamento iluminista radical ao declarar que:

Até que as mulheres sejam educadas mais racionalmente, o progresso da virtude humana e o aperfeiçoamento do conhecimento encontrarão contínuos obstáculos. E ao admitir que a mulher não foi criada meramente para satisfazer o apetite masculino ou para ser a serva mais importante, que prove suas refeições e cuida de suas roupas, é necessário reconhecer que o primeiro cuidado dessas mães e desses pais, que realmente se preocupam com a educação das meninas, seria se não fortalecer o corpo, pelo menos não destruir sua constituição, com noções equivocadas de beleza e de excelências femininas. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 168).

Mesmo que a fragilidade da mulher fosse defendida como algo natural, essas argumentações tradicionalistas poderiam ser contrariadas por luzes iluministas, ainda que houvesse os que as contestassem (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 169). Algo compreensível, visto que, a seus olhos, os governos eram os responsáveis pelos vícios femininos ao criarem barreiras para o seu entendimento, pois para os homens das camadas médias da época, habilidades e virtudes eram essenciais para fazê-los notáveis, obterem oportunidades de se

elevarem por meio de exercícios que aperfeiçoam sua racionalidade, ao passo que as mulheres, esforçavam-se o mínimo para obterem algo (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 186, 190). Todavia, Wollstonecraft ressalta que esses comportamentos viciosos estavam atrelados às mulheres nobres e burguesas que possuíam preocupações superficiais, enquanto as mulheres pobres, ao necessitarem de trabalho para sustentarem suas famílias, adquiriam virtudes e bom senso por meio de seu trabalho duro, confirmando à autora que as atividades triviais tornavam as mulheres raras (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 214).

Assim, segundo os argumentos da filósofa, é possível compreender que as debilidades das experiências femininas derivavam além do espaço doméstico em seu patriarcalismo, mas se fortificavam no âmbito público por meio da criação de instâncias controladoras das vivências femininas, como o casamento, controle de atividades educativas, principalmente a condição da educação feminina dada sobretudo por estabelecimentos como creches, escolas e conventos que serviam basicamente como depósito de crianças, proporcionando ensinos condenados, enquanto a educação em casa promovia a ociosidade, o maltrato serviçal e ansiedade dos pais. Sua solução seria combinar a educação pública e privada em escolas diurnas, gratuita dos cinco aos nove anos, unissex e específicas para cada idade onde meninos e meninas de qualquer posição social estudariam juntos, estando as meninas se prevenindo contra a ignorância desejada pelos homens ao se familiarizarem com ciências e profissões (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 278, 319, 330, 342).

Wollstonecraft entendia que a formação familiar era a base da constituição pública, se houvesse vícios nela, eles seriam refletidos nos comportamentos sociais juntamente aos códigos públicos que reforçariam essas deficiências por seus meios. Era um sistema que equilibrava o domínio conservador nos dois lados da vivência feminina. Logo, segundo a autora:

Um homem é definido como um microcosmo e toda a família poderia ser chamada de um estado. Estados, é verdade, na sua maioria têm sido governados através de estratégias, que desonram o caráter do homem, e a falta de uma constituição justa e de leis igualitárias confunde as teorias de sabedoria universal, que fazem mais do que questionar se é razoável lutar pelos direitos da humanidade. Desse modo, a moralidade contaminada no reservatório nacional, envia correntes de vícios para corromper as partes que constituem o corpo político; mas se princípios mais nobres, ou melhores, mais justos, regulassem as leis, que devem ser a orientação da sociedade, e não daqueles que as executam, o dever poderia se tornar a regra da conduta privada. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 342)

A virtude privada tornava-se substrato da felicidade pública, mas a virtude privada ou pública da mulher era muito problemática, porque uma grande parte dos escritores insistia que

ela deveria ser submetida a um severo controle. Assim, a fragilidade do estado feminino não as afetava somente, mas desonrava todo o gênero humano posto que dentro do mesmo grupo, a classificação sexual subjugava metade da espécie. Todavia, se os princípios fossem mais nobres e reguladores, toda a sociedade seria beneficiada (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 342). A forma vista pela autora para que as mulheres adquirissem certa autonomia era por meio da educação. Se a instrução das damas fosse mais racional, por meio de práticas que as proporcionassem virtudes e conhecimentos capazes de fazê-las escolherem decisões positivas para suas vidas, elas tomariam atitudes independentes dos homens e distanciariam-se dos temas banais e sentimentais que as confundiam.

Para que as mulheres se tornem membros verdadeiramente úteis da sociedade, sustento que elas deveriam ser orientadas, pelo cultivo em grande escala de seus intelectos, a adquirirem um afeto racional pelo seu país, baseado em conhecimento, porque é óbvio que temos pouco interesse por aquilo que não entendemos. E para demonstrar a real importância dessa ilustração geral, tenho me empenhado em provar que os deveres individuais nunca são cumpridos de modo apropriado, a menos que o entendimento expanda o coração e que a virtude pública seja somente uma agregada da virtude privada. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 359).

Fazendo valer os direitos pelos quais as mulheres juntamente com os homens devem lutar, não tentei atenuar suas faltas; mas sim provar a eles que são a consequência natural de sua educação e de sua posição na sociedade. Assim, é razoável supor que elas mudarão seu caráter e corrigirão seus vícios e insensatez, quando a elas for permitido que sejam livres no sentido físico, moral e civil. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 362).

Dessa forma, Wollstonecraft destacava as anomalias da criação das mulheres, conforme o decoro das normas privadas e públicas que eram administradas por homens de poder. A autora elucida que as funções femininas iam além obedecer aos seus pais e maridos ou socializar perfeitamente em público. Elas elaboravam todo um sistema injusto que afirmava a incapacidade racional feminina em benefício masculino por meio da condução de instituições de entretenimento, educativas, informativas que orientavam conhecimentos vazios. Apesar do contexto iluminista radical o qual a autora faz parte, condenou a cultura da mulher ignorante ao afirmar justamente o contrário que a mulher virtuosa e racional auxilia o desenvolvimento social.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se neste trabalho uma melhor compreensão compreender das formas que se encontravam as mulheres europeias na Idade Moderna, com foco na Inglaterra. Primeiramente, sob o desenrolar iluminista, com destaque para os pensadores radicais, importantes provedores de ideias progressistas, capazes de afastar o pensamento lógico das instâncias controladoras. Apesar de muitos filósofos tidos por moderados continuarem a subestimar as habilidades femininas, os pensamentos inovadores atingiram o universo das damas e dos homens dispostos a evoluir socialmente. Logo, foi oportunizado às mulheres mais do que a participação em áreas que anteriormente eram exclusivas aos homens. Foi um despertar em grande escala para a emancipação das mulheres por meio do raciocínio puro, sem os preconceitos e limites então vigentes, valendo-se do seu próprio exemplo, Mary Wollstonecraft. A escritora que simboliza o *status feminino* mais efervescentes da época: mulher, burguesa, intelectual e mãe que exemplifica a capacidade feminina de raciocinar ao mesmo nível dos grandes filósofos. Sua trajetória mostra que a mulher daquele tempo e a mulher moderna, quando exposta aos desafios da vida e bem informada, é capaz de ser como qualquer outro ser humano, e não uma ser inferior. *A Vindication of the Rights of Woman* faz jus ao ser considerada a obra mais importante de Wollstonecraft, afinal, nela a autora reivindica direitos femininos fundamentais para o desenvolvimento de um ser pensante, e não a continuidade de objetos masculinos.

Enquanto isso, a análise do desenvolvimento das zonas privada e pública revela como a evolução do sistema mercantil europeu foi capaz de modificar a interação dos dois ambientes, aproximando-os de uma forma a possibilitar uma maior participação das pessoas comuns, sobretudo os burgueses, no poder público. Devido à disseminação de informações entre os grupos sociais somada a uma comunicação mais dinâmica levou a intensificação da ponte entre os costumes das pessoas em ambientes privados e públicos. Um compunha o outro de uma forma que as criações domésticas impactavam diretamente tanto a vida social quanto a vida doméstica que tinha sua parte pública. Assim, as mulheres eram os principais alvos desse debate, pois, suas ações deveriam corresponder ao que era esperado publicamente, elas recebiam uma formação doméstica de característica servil. Elas não eram como os homens que possuíam um grau de liberdade e independência capazes de os deixarem tomar suas próprias escolhas, embora eles tivessem condutas a seguir também.

Com as duas obras, a de Wollstonecraft e a do Dr. Gregory, pode-se avaliar que nessa interação privada e pública constava a dualidade das mulheres. Por um lado, as mulheres eram vistas como companheiras dos homens, subservientes às normas criadas para protegê-las de suas fraquezas, enquanto cumpriam seus deveres matrimoniais, maternais e sociais, avaliados como sendo de menor importância. Essa concepção sobre a mulher servia aos tradicionalistas, perpetuando os valores clássicos, em contrapartida, a mesma comunidade, o mesmo espaço público, havia aqueles que defendiam o pensamento mais radical. A inovação perturbadora que propunha mulheres diferentes, ativas e pensantes, cidadãs colaboradoras no cuidado de suas famílias e na prosperidade nacional. Wollstonecraft pode ser considerada uma vanguardista muito importante na defesa dos direitos femininos nos fins do setecentos e no século XIX, por mais que seus pensamentos tenham sido esquecidos após sua morte, em razão da contrarreforma inglesa que perseguiu os pensadores revolucionários, por isso, é importante revivê-la para lembrar que houve mulheres que já se preocupavam com suas condições de vida o suficiente para defender e pleitear publicamente mudanças civis no século XVIII.

Essas mulheres que durante os anos setecentos não tiveram força suficiente para pleitear suas ideias, foram usadas como alicerce para a formação do Movimento Sufragista no século XIX, nas mobilizações femininas que conseguiram de fato instituir pautas femininas transformadoras não apenas na Inglaterra como gradualmente em todo o mundo. Tiveram, também, um papel muito importante de relembrar socialmente pensadoras esquecidas ao longo dos anos majoritariamente masculinos, uma delas foi a própria Wollstonecraft revivida pelos discursos sufragistas e propriamente feministas nos anos posteriores, até uma estátua foi erguida em sua homenagem em 2020 na região de Newington Green, em Londres<sup>39</sup>.

Escrever sobre Wollstonecraft, pensando acerca da situação massiva do feminino, foi um apego pessoal à trajetória de vida da autora e à sua fala em *A Vindication of the Rights of Woman* em 1792 que infelizmente ainda contém muitas similaridades com as realidades das mulheres no século XXI. Porém, apesar de ser desgostoso observar as continuidades das desigualdades entre os sexos após 200 anos, ao mesmo tempo, causa muita satisfação de ser capaz de observar os avanços pela luta por direitos iguais, justamente as principais pautas que Wollstonecraft apontou a respeito da escolarização de qualidade para todas como principal catalisador para aprimorar as outras virtudes, afinal, sem a capacidade de pensar por conta própria, torna-se muito difícil o desenvolvimento de outras habilidades.

---

<sup>39</sup> A homenagem foi feita pela artista Maggi Hambling e noticiada por diversos jornais internacionais como o New York Times (Cf. NAIRNE, 2020).

Hoje em dia, essa lógica é básica, mas era polêmica na época. Logo, intencionou-se neste trabalho tentar uma ligação entre as similaridades do passado, a atualidade e com o exercício do magistério onde teremos de recorrer a essas práticas diariamente como professores em sala de aula. A prática do ensino de História precisa ser diversa, evocar sujeitos históricos como Wollstonecraft é diversificar o currículo de temas básicos do ensino fundamental e do ensino médio, como o Iluminismo, aproximando-os da realidade dos alunos que também são sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

Ao invés de abordar um tema tradicional e “distante”, como o movimento ilustrado por filósofos aparentemente iguais, forçando os estudantes a decorarem suas teorias, seria mais eficaz se fosse mostrado como uma época distante influenciou e continua a influenciar a vida dos alunos. Assim, beneficiaria a metodologia e eficácia do professor, além da compreensão do avanço social e da concepção de aprendizagem histórica.

Por fim, consideramos que os acontecimentos europeus abalaram seriamente organizações governamentais e as relações sociais, assim, novas percepções ganharam notoriedade e exercício entre as populações. Configuraram-se novas dinâmicas que questionavam os costumes fundamentais e propunham outras inovações, oportunizando novas atuações que abriram e ainda abrem espaço ao debate sobre a superação de hábitos obsoletos, ao mesmo tempo que experimentam a efervescência do dualismo social causado por momentos de transições onde velhos costumes disputam com novos.

## FONTES

GREGORY, J. *A Father's Legacy to his Daughters*. Washington, DC. United States. Library of Congress, 1779. Disponível em:  
<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsgec&AN=edsgec.CB0131067431&lang=pt-br&site=eds-live>

WOLLSTONECRAFT, M. A Vindication of the Rights of Woman (1792). In: MOTTA, I. P. *A importância de ser Mary*: análise e tradução do livro “A Vindication of the Rights of Woman” de Mary Wollstonecraft. Annablume, 2009.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARNTON, R. O alto iluminismo e os subliteratos. In: DARNTON, R. *Boemia literária e revolução*: o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DARNTON, R. Um burguês organiza seu mundo. A cidade como texto. In: DARNTON, R. *O Grande Massacre dos Gatos*: e outros episódios da história cultural francesa. 2. ed. Graal, 1998.

DUBY, G.; PERROT, M. *Del Renacimiento a la Edad Moderna* (Historia de las mujeres 3) (Spanish Edition). Penguin Random House Grupo Editorial España. Taurus, 2018. E-book. Edição do Kindle.

HABERMAS, J. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*: investigação sobre uma categoria da sociedade burguesa. Editora UNESP, 2014.

ISRAEL, J. *A revolução das Luzes*: O iluminismo Radical e as origens intelectuais da democracia moderna. São Paulo: Edipro, 2013.

ISRAEL, J. *Iluminismo Radical*: A filosofia e a construção da modernidade 1650-1750. Madras, 2009.

MIRANDA, A. R. *Proto-feministas na Inglaterra Setecentista*: Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson. Sociabilidade, subjetividade e escrita de mulheres. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MOTTA, I. P. *A importância de ser Mary*: análise e tradução do livro “A Vindication of the Rights of Woman” de Mary Wollstonecraft. Annablume, 2009.

NAIRNE, E. Naked Statue for a Feminist Hero? *The New York Times*, New York, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/11/12/arts/design/mary-wollstonecraft-statue-london.html>. Acesso em: 17 nov. 2020.

PAGDEN, A. Prólogo. In: PAGDEN, A. *La Ilustración y Porque Sigue Siendo tan Importante para Nosotros*. Madrid: Alianza Editorial, 2015.

PENNELL, E. R. *Mary Wollstonecraft*. London, W. H. Allen, 1885.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 2. ed. Paz e Terra, 2008.